Coleção EM CARTAZ volume 4

na mesma coleção
TCHEKHOV Teatro I
(A gaivota,
O tio Vania)
TCHEKHOV Teatro II
(As três irmãs,
O jardim das cerejeiras)
MOLIÈRE As preciosas ridículas
STRINDBERG A dança da morte
ANTUNES FILHO Gilgamesh (adaptação teatral)
CONSUELO DE CASTRO Only you

Henrik Ibsen

CASA DE BONECAS

EM CARTAZ
Veredas

Título original
ETT DUKKEHJEM
(1879)

Tradução portuguesa atualizada e corrigida por
Maria Cristina Guimarães Cupertino

Preparação
Kátia de Almeida Rossini

Revisão
Lídia Furusato

Ilustração da capa
Edvard Munch

Ibsen, Henrik
Casa de bonecas
Tradução: Maria Cristina Guimarães Cupertino. São Paulo.
Editora Veredas. 2007. (Veredas Em Cartaz)
1. Teatro norueguês I. Título.
ISBN 85-88603-11-X

CDD 839.82

Todos os direitos desta tradução reservados a
G. ARANYI LIVROS
EDITORA VEREDAS
Al. dos Bicudos, 360 - Alpes da Cantareira
07600-000 - Mairiporã - SP - Brasil
Fone/Fax: (11) 4485-1087 - e-mail: editoraveredas@hotmail.com
2009

PERSONAGENS

TORVALD HELMER, advogado
NORA, sua esposa
RANK, médico
SENHORA LINDE
KROGSTAD, advogado
Os três filhos pequenos de HELMER
ANNA-MARIA, a babá
HELENA, a criada
O ENTREGADOR

A ação se passa na residência de Helmer

PRIMEIRO ATO

Sala mobiliada com conforto e bom gosto, mas sem luxo. No fundo, à direita, a porta da saleta, à esquerda a do escritório de Helmer. Entre essas duas portas, um piano. Do lado esquerdo da cena, no meio da parede, outra porta, e mais perto da boca de cena, uma janela. Ao pé da janela uma mesa redonda, poltronas e um divã pequeno. Na parede da direita, um pouco recuada, uma porta, e mais à frente uma estufa, diante da qual estão colocadas duas poltronas e uma cadeira de balanço. Entre a estufa e a porta lateral, uma mesinha, e nas paredes, gravuras. Prateleiras com porcelanas e outras miuçalhas. Pequena estante cheia de livros ricamente encadernados. O chão é atapetado. A estufa está acesa. Dia de inverno. Toque de campainha na saleta; passado um instante ouve-se abrirem a porta. Nora entra na sala cantarolando alegremente. Está de chapéu e de sobretudo e traz muitos embrulhos que vai colocando na mesa da direita. Deixa aberta a porta da saleta, por onde se vê um entregador carregando uma árvore de Natal e um cesto; o moço passa esses objetos à criada que abriu a porta

NORA Esconda bem a árvore de Natal, Helena. Os meninos só devem vê-la à noite, depois de enfeitada. *(Ao entregador, tomando da carteira)* Quanto é?

O ENTREGADOR Cinqüenta öre.

NORA Aqui tem uma coroa. Está certo, guarde o troco. *(O entregador agradece e sai. Nora fecha a porta, e enquanto tira o chapéu e o sobretudo continua a rir alegremente. Puxando do bolso um saco de bolinhos de amêndoas, come dois ou três; depois encaminha-se na ponta dos pés até a porta do escritório do marido, pondo-se a escutar)* Ah! está aqui. *(Cantarola novamente, enquanto se dirige para a mesa do lado direito)*

HELMER *(do escritório)* É a minha cotovia que está gorjeando aí fora?

NORA *(desamarrando animadamente os pacotes)* É sim.

HELMER Quem está saltitando aí é o meu esquilo?

NORA É!

HELMER E quando regressou o esquilinho?

NORA Agora mesmo. *(Guarda o saco de bolinhos de amêndoas no bolso e limpa a boca)* Venha cá, Torvald, venha ver o que eu comprei.

HELMER Estou ocupado. *(Um momento após abre a porta e, de pena na mão, percorre a sala com a vista)* Você diz que comprou tudo isso? Então a minha cabecinha de vento encontrou mais uma ocasião de esbanjar bastante dinheiro?

NORA Mas, Torvald, este ano com certeza podemos gastar um pouco mais. É o primeiro Natal em que não somos obrigados a economizar.

HELMER Concordo... mas não devemos ser pródigos, sabe?

NORA Só um bocadinho, Torvald, um bocadiquinho. Ainda mais agora que você vai ter um grande salário e finalmente há de ganhar muito, muito dinheiro.

HELMER A partir do Ano Novo, sim – mas ainda falta um trimestre para que eu receba.

NORA E que tem isso? Até lá podemos pedir emprestado.

HELMER Nora! *(Aproxima-se dela e puxa-lhe uma orelha, brincando)* Sempre com essa cabecinha nas nuvens! Suponha que eu peça hoje mil coroas e você gaste tudo com o Natal e, depois, na véspera do Ano Novo me caia uma telha na cabeça, e...

NORA *(tapando-lhe a boca com a mão)* Psss! Não diga essas coisas horríveis!

HELMER Mas suponha que aconteça algo desse tipo...

NORA Se uma coisa terrível assim acontecesse... nao sei se me importaria em ter dívidas ou não.

HELMER E as pessoas para quem eu estivesse devendo?

NORA Essas pessoas... quem é que pensa nelas? são estranhos.

HELMER Nora, Nora! Só podia ser mulher! Falando sério, Nora; você conhece as minhas idéias a esse respeito. Nada de dívidas, nada de empréstimos! Algo como um constrangimento, um mal-estar sombrio se introduz em toda casa erigida sobre dívidas e empréstimos. Até hoje temos sabido nos equilibrar, e assim continuaremos durante o pouco tempo de provações que nos resta.

NORA *(aproximando-se da estufa)* Está bem, Torvald; como você quiser.

HELMER *(seguindo-a)* Então, então, não quero a minha cotoviazinha de asa caída. O esquilinho está amuado? *(Abre a carteira)* Nora, sabe o que tem aqui dentro?

NORA *(virando-se vivamente)* Dinheiro!

HELMER Tome. *(Dá-lhe algumas notas)* Compreendo que há muitas despesas numa casa, quando se está perto do Natal.

NORA *(contando)* Dez, vinte, trinta, quarenta. Obrigada, Torvald, obrigada. Você vai ver o que isto rende.

HELMER É preciso, mesmo.

NORA Pode ficar certo disso. Mas venha cá. Vou lhe mostrar o que comprei, e tudo tão barato! Olhe, um roupa nova para Ivar e um sabre. Para Bob, um cavalo e uma corneta, e uma boneca com a sua caminha para Emmy. São muito simples, porque ela logo escangalha tudo. E esses aventais e lenços para as criadas... A babá na verdade merecia muito mais...

HELMER E o que há *neste* pacote?

NORA (dando *um gritinho)* Não toque nele, Torvald; este você só verá à noite.

HELMER Bem, bem. Mas diga-me, minha perdulária, o que você mais gostaria de ganhar?

NORA Oh, eu? Não quero nada para mim.

HELMER Mas é claro que sim. Diga-me qualquer coisa razoável, que a tente.

NORA Pois bem, verdadeiramente não sei. Ou antes, olhe, Torvald...

HELMER Vamos lá...

NORA *(brincando com os botões do casaco, sem olhar para o marido)* Se me quisesse dar qualquer coisa você podia... podia...

HELMER Então...

NORA *(de um só fôlego)* Podia me dar dinheiro, Torvald. Oh! Apenas aquilo de que você pudesse prescindir – e um dia desses eu iria comprar qualquer coisa para mim.

HELMER Mas, Nora...

NORA Sim, querido Torvald, sim, faça isso. Eu o embrulharia num lindo papel dourado para pendurá-lo na árvore de Natal. Você não acha graça?

HELMER Como se chama o pássaro que está sempre fazendo o dinheiro voar?

NORA Bem sei, bem sei; é o estorninho. Mas faça o que peço, Torvald; assim terei tempo de pensar em algum objeto realmente útil. Diga-me, não é sensato?

HELMER *(sorrindo)* Seria, se você soubesse conservar o dinheiro que lhe dou, e na realidade comprar o que quer que fosse para você; mas se ele desaparece nas despesas da casa e em mil futilidades, o certo é que tenho de novo de desembolsar.

NORA Ah, Torvald, mas...

HELMER Não negue, minha querida Nora! *(Abraça-a pela cintura)* O estorninho é gracioso, mas exige tanto dinheiro!... Você não acreditaria se lhe dissesse quanto um homem tem de despender quando arruma uma ave canora como você.

NORA Oh! não diga isso! Eu poupo o mais que posso.

HELMER *(rindo)* Concordo. O mais possível. Mas o problema é que você absolutamente não pode poupar.

NORA *(cantarolando e sorrindo alegremente)* Se você soubesse, Torvald, como nós, cotovias e esquilos, temos despesas!

HELMER Você é uma pessoazinha extraordinária. Tal qual seu pai. Com mil recursos para conseguir dinheiro, mas logo que o agarra ele lhe escapa por entre os dedos, e nunca mais se sabe que destino ele teve. Enfim, há que aceitá-la tal como você é. Está no sangue. Sim, Nora, essas coisas são hereditárias.

NORA Quem me dera ter herdado muitas das qualidades de meu pai!

HELMER E eu não gostaria que houvesse a menor mudança em você, minha querida ave canora. Mas percebo agora que você está um tanto... um tanto... como diria?... que você tem o ar de quem fez alguma travessura hoje.

NORA Eu?

HELMER Sim, você. Olhe bem nos meus olhos.

NORA *(encarando-o)* E então?

HELMER A minha gulosa não andou se regalando hoje na cidade?

NORA Não, por que diz isso?

HELMER Então a minha gulosa nem sequer deu uma olhada na confeitaria?

NORA Não, sinceramente, Torvald.

HELMER Nem sombra de doces?

NORA Nem sombra.

HELMER Nem ao menos mordiscou um ou dois bolinhos de amêndoas?

NORA Não, Torvald, não mesmo; garanto-lhe.

HELMER Bem, bem, naturalmente eu estava brincando.

NORA *(acercando-se da mesa à direita)* Eu seria incapaz de fazer qualquer coisa que lhe desagradasse.

HELMER Eu sei; depois, você me deu sua palavra... *(Aproxima-se de Nora)* Vamos, guarde seus segredos de Natal só para você, minha querida Nora; logo eles nos serão revelados, quando as velas na árvore forem acesas.

NORA Você convidou o doutor Rank para jantar?

HELMER Não, mas não há necessidade disso. Quando ele chegar, convido-o. Encomendei vinho, e dos bons. Você não imagina, Nora, como estou ansioso por esta noite!

NORA Eu também – e como as crianças vão adorar, Torvald!

HELMER Ah! Como é bom saber que chegamos a uma situação estável, segura, e com uma bela remuneração. Pensar nisso nos dá muita satisfação, não é mesmo?

NORA Oh, é maravilhoso!

HELMER Lembra-se do Natal passado? Três semanas antes

você já se recolhia todas as tardes, até mais de meia-noite, para confeccionar os adornos para a árvore de Natal e mil outras surpresas... Ah! não me recordo de época mais aborrecida!

NORA Eu não me aborreci nem um pouquinho.

HELMER *(sorrindo)* Mas no final o que apareceu foi tão pouco!

NORA Ah! Não comece a caçoar de mim novamente. Acaso tive culpa se o gato entrou lá e deu cabo de tudo?

HELMER Coitadinha! De certo que a culpa não foi sua, minha Norinha. O seu maior desejo era alegrar-nos, e isso é o essencial. Em todo o caso, ainda bem que esses tempos difíceis já se foram.

NORA É verdade; isso é de fato ótimo.

HELMER Agora já não fico aqui sozinho, aborrecido, assim como você já não precisa estragar seus olhinhos tão lindos e esses queridos dedinhos.

NORA *(batendo palmas)* Não preciso mesmo, não é, Torvald? Nunca mais. Ah, é tão bom ouvir isso! *(Toma o braço do marido)* Agora vou lhe contar como pensei que poderíamos arranjar as coisas logo que passar o Natal...

Toque de campainha na saleta

Tocaram à porta. *(Faz um pouco de ordem na sala)* Alguma visita. Que aborrecimento!

HELMER Se for uma visita, lembre-se que não estou em casa para ninguém.

A CRIADA *(à porta de entrada)* Madame, está aí uma senhora que quer vê-la.

NORA Mande entrar.

A CRIADA *(a Helmer)* O senhor doutor também chegou.

HELMER Está no meu escritório?

A CRIADA Sim, senhor.

Helmer entra no seu gabinete. A criada introduz a senhora Linde, que traja um vestido de viagem, e fecha depois a porta

SENHORA LINDE *(timidamente, com certa hesitação)* Bom dia, Nora...

NORA *(indecisa)* Bom dia...

SENHORA LINDE Você não me reconhece?

NORA Não sei ao certo, mas... parece-me... *(exclamando)* Kristina, é você?

SENHORA LINDE Sou eu, sim.

NORA Kristina! E eu sem reconhecê-la! Mas como pude?... *(Mais baixo)* Como está mudada, Kristina!

SENHORA LINDE É verdade. Já se passaram nove... dez longos anos...

NORA Há já tanto tempo que não nos vemos? É verdade, acho que sim. Ah, se você soubesse como tenho sido feliz nesses últimos oito anos! E agora você também veio para a cidade? Quanta coragem, fazer uma viagem tão longa em pleno inverno!

SENHORA LINDE Cheguei no vapor, esta manhã.

NORA Para passar as festas de Natal, naturalmente. Que bom! Como havemos de nos divertir! Mas tire o casaco. Não está sentindo frio, não é mesmo? *(Ajuda-a)* Pronto; agora vamos nos sentar comodamente ao pé da estufa. Não, sente-se nessa poltrona! Eu fico na cadeira de balanço, é o meu lugar. *(Toma-lhe as mãos)* Agora já vejo o semblante de outros tempos... foi só a primeira impressão... No entanto, você está um pouco pálida, Kristina... e mais magra.

SENHORA LINDE E também muito envelhecida, Nora.

NORA Sim, um pouco, um pouquinho – mas não demais. *(De súbito interrompe-se, e, com voz grave)* Oh! mas que estorvada que eu sou, me ponho a tagarelar... Minha querida, minha boa Kristina, perdoe-me...

SENHORA LINDE Não a compreendo, Nora.

NORA *(meigamente)* Pobre Kristina, você ficou viúva.

SENHORA LINDE Há três anos...

NORA Soube pelos jornais. Oh! Kristina, acredite que muitas vezes pensei em lhe escrever naquela ocasião... mas sempre alguma coisa me impedia e eu adiava a...

SENHORA LINDE Compreendo bem isso, cara Nora.

NORA Não, Kristina; foi horrível de minha parte. Pobre amiga, como você deve ter sofrido. Ele lhe deixou com que viver?

SENHORA LINDE Não.

NORA E filhos?

SENHORA LINDE Também não.

NORA Absolutamente nada, então?

SENHORA LINDE Nem mesmo uma dessas saudades de partir coração.

NORA *(olhando-a incrédula)* Ah, Kristina, isso não pode ser verdade!

SENHORA LINDE *(sorrindo amargamente e passando-lhe a mão pelos cabelos)* Algumas vezes acontece, minha Nora.

NORA Sozinha no mundo. Como deve ter sido difícil! Eu tenho três lindas crianças. Por enquanto não posso mostrá-las a você; saíram com a babá. Mas conte-me agora...

SENHORA LINDE Depois, comece você.

NORA Não, é a sua vez. Hoje não quero ser egoísta... só quero pensar em você. Uma coisa, todavia, vou lhe dizer já. Sabe que tivemos uma grande felicidade, há dias?

SENHORA LINDE Não, que foi?

NORA Imagine, meu marido foi nomeado diretor do banco.

SENHORA LINDE Seu marido? Ah, que sorte!

NORA Não é mesmo? A advocacia é tão incerta como ganha-pão, sobretudo quando se quer tomar conta apenas de boas e belas causas! E era esse, naturalmente, o caso de Torvald, no que eu o aprovo inteiramente. Imagine como nos sentimos felizes! Deve tomar posse do seu lugar no princípio do ano, e terá então um alto salário e muitas comissões. Assim, de agora em diante poderemos viver de uma maneira muito diferente – da maneira como gostaríamos. Ah, Kristina, como me sinto feliz e de coração leve! Na verdade é delicioso ter muito dinheiro, e nunca precisar se preocupar, você não acha?

SENHORA LINDE Decerto. Em todo caso já não deve ser mau ter-se o necessário.

NORA Não, só o necessário, não, mas muito dinheiro, muito!

SENHORA LINDE *(sorrindo)* Nora, Nora, então você ainda não se tornou mais sensata? Na escola você era uma grande gastadeira.

NORA *(sorrindo meigamente)* E Torvald afirma que ainda sou. Mas *(ameaçando-a com o dedo)* "Nora, Nora" não é tão estouvada como julgam. Além disso, até hoje pouco tenho podido gastar. Ambos precisávamos de trabalhar.

SENHORA LINDE Você também?

NORA Sim. Pequenas coisas, trabalhos manuais, rendas, bordados, etc. *(Casualmente)* E ainda outra coisa. Você sabe que Torvald saiu do ministério público quando nos casamos. Não podia esperar aumento de ordenado na repartição, e precisava ganhar mais do que até então. No primeiro ano, porém, trabalhou demasiado. Calcule, tinha de procurar toda

espécie de ocupações suplementares e trabalhar de manhã até a noite. Caiu gravemente enfermo. Então os médicos declararam que ele precisava ir para o sul.

SENHORA LINDE É verdade; vocês passaram um ano inteiro na Itália.

NORA Sim. E não nos foi nada fácil empreender essa viagem, como você bem pode compreender. Foi por ocasião do nascimento de Ivar. Mas claro, não havia outro meio... Ah, que linda viagem! que encanto! E salvou a vida de Torvald. Mas que dinheirão nos custou, Kristina!

SENHORA LINDE Calculo.

NORA Mil e duzentos táleres. Quatro mil e oitocentas coroas. Uma bela soma, não é?

SENHORA LINDE Sim, e num caso desses é uma grande sorte tê-la.

NORA Eu lhe digo; foi-nos dada por papai.

SENHORA LINDE Ah! Parece ter sido exatamente no ano em que ele morreu, não é?

NORA É verdade, Kristina, foi nessa ocasião. E eu sem poder ir cuidar dele. Todos os dias à espera de que nascesse Ivar, e o meu pobre Torvald morrendo, necessitando dos meus cuidados. Querido, bondoso papai! Nunca mais o vi. Depois que me casei, foi a minha maior dor.

SENHORA LINDE Você era muito ligada a ele, bem sei. Enfim, foram para a Itália...?

NORA Fomos. Tínhamos dinheiro, e os médicos nos aconselhavam a não retardar a viagem. Partimos dali a um mês.

SENHORA LINDE E seu marido regressou bom de todo?

NORA Completamente.

SENHORA LINDE Então... e esse médico?

NORA Não estou entendendo.

SENHORA LINDE O homem que chegou junto comigo. Creio ter ouvido a empregada dizer que era um médico.

NORA Ah! É o doutor Rank. Esse não vem como médico. É o nosso melhor amigo; vem cá ver-nos uma vez por dia, pelo menos. Torvald nunca mais esteve doente desde que regressamos. As crianças também estão bem de saúde, e eu, como você vê. *(Levanta-se de um salto, batendo palmas)* Deus, Kristina, é bom demais viver e ser feliz!... Ah, estou insuportável... não falo senão em mim! *(Senta-se numa banqueta bem junto de Kristina, e coloca os braços em seus joelhos)* Não fique zangada comigo. Então é verdade que você não gostava de seu marido? Mas se é assim, por que se casou com ele?

SENHORA LINDE Minha mãe ainda era viva, estava acamada e sem amparo. Além disso tinha meus dois irmãos menores para sustentar. Não me restou outra alternativa quando ele me pediu em casamento.

NORA Claro. Estou certa de que você procedeu bem. Nesse tempo ele era rico, não?

SENHORA LINDE Creio que estava bem de vida. Mas seu negócio não era sólido. Com a morte dele tudo se desintegrou, não sobrou nada.

NORA E depois?

SENHORA LINDE Tive de me livrar das dificuldades recorrendo a pequenos serviços, dando aulas, e tudo mais que aparecia. Enfim, esses três últimos anos foram para mim um longo dia de trabalho sem descanso. Agora acabou-se, Nora. Minha pobre mãe já não precisa de mim: morreu; e os dois meninos também não: estão empregados, já podem se manter sozinhos.

NORA Como você deve se sentir aliviada!

SENHORA LINDE Engano seu, Nora; o que sinto é um vazio insuportável. Não ter mais nada por que viver!... *(Ergue-se inquieta)* De modo que não pude continuar sozinha naquele canto insulado. Aqui deve ser mais fácil a gente encontrar uma ocupação, distrair o pensamento. Se eu tiver sorte de arrumar um emprego, um trabalho de escritório...

NORA Mas que idéia! É tão fatigante! E você precisa tanto de repouso! Melhor seria se você pudesse tirar umas férias.

SENHORA LINDE *(aproximando-se da janela)* Eu não tenho um pai que me pague a viagem, Nora.

NORA *(erguendo-se)* Ah, não se zangue comigo.

SENHORA LINDE *(indo até ela)* Você, querida Nora, é que deve me desculpar. A pior coisa que existe numa situação como a minha é que as amarguras se acumulam na alma da gente. Não ter ninguém por quem trabalhar, e, contudo, não conseguir relaxar. Enfim, é necessário viver!... Então a gente se torna egoísta. Como agora, por exemplo: enquanto a ouvia falar sobre sua boa sorte fiquei mais satisfeita por mim mesma do que por você.

NORA Quê? Ah!... sim, compreendo. Veio-lhe a idéia de que Torvald lhe poderia ser útil.

SENHORA LINDE Sim, foi isso que pensei comigo.

NORA E há de sê-lo, Kristina, deixe comigo. Vou preparar o terreno com muita delicadeza; inventarei algo para cativá-lo, que o deixe bem-humorado. Ah, gostaria tanto de ajudá-la!

SENHORA LINDE Como é bonito da sua parte Nora, mostrar tanto empenho... você, que conhece tão pouco as misérias e as contrariedades da vida.

NORA Eu?... Você acha?

SENHORA LINDE *(sorrindo)* Ora, afinal foram só umas costurinhas e outras coisas do gênero. Você é uma criança, Nora.

NORA *(meneando a cabeça e atravessando a cena)* Não seja tão superior.

SENHORA LINDE Como?

NORA Você é como os outros. Todos julgam que não sirvo para nada sério...

SENHORA LINDE E então...

NORA Que não tenho nenhuma experiência do lado difícil da vida...

SENHORA LINDE Mas, minha querida Nora, você mesma acaba de me descrever todas as suas dificuldades...

NORA Ora!... essas bagatelas!... *(Em voz baixa)* Não lhe contei o principal.

SENHORA LINDE Que principal? O que você quer dizer?

NORA Você também me trata do alto da sua grandeza, Kristina, mas não devia fazer isso. Você se orgulha por ter trabalhado durante tanto tempo e com tanta dedicação por sua mãe.

SENHORA LINDE Não trato ninguém do alto da minha grandeza; mas, é verdade que me sinto feliz e altiva ao lembrar-me que, devido a mim, os últimos dias de minha mãe foram serenos.

NORA E também sente orgulho pelo que fez pelos seus irmãos.

SENHORA LINDE Parece-me que tenho todo direito em sentir.

NORA É também o que penso. Agora vou lhe contar uma coisa, Kristina. Eu também tenho motivo de alegria e de orgulho.

SENHORA LINDE Não duvido.O que é?

NORA Fale mais baixo. Se Torvald nos ouvisse... Por nada deste mundo eu queria que... Ninguém deve saber isso, ninguém no mundo, além de você, Kristina.

SENHORA LINDE Mas o que é então?

NORA Chegue aqui. *(Puxando-a para si, no divã)* Ouça... eu

também posso ser altiva e feliz. Fui eu que salvei a vida de Torvald.

SENHORA LINDE Você salvou? Como foi isso?

NORA Já falei da viagem à Itália, não é verdade? Torvald não escaparia se não tivesse podido ir para o sul.

SENHORA LINDE Sim, e seu pai lhe deu o dinheiro de que precisavam.

NORA *(sorrindo)* Isso é que Torvald e toda a gente supõem, mas...

SENHORA LINDE Mas...

NORA Papai não nos deu sequer um centavo. *Eu* é que arranjei o dinheiro.

SENHORA LINDE Uma quantia dessas?... Você?...

NORA Mil e duzentos táleres. Quatro mil e oitocentas coroas. Que lhe parece?

SENHORA LINDE Mas, Nora, como você fez isso?... Ganhou a sorte grande?

NORA *(num tom de desprezo)* A sorte grande... *(Com um jeito de desdém)* Que mérito haveria nisso?

SENHORA LINDE Nesse caso, onde o foi buscar?

NORA *(sorrindo misteriosamente e cantarolando)* Hum! trá-lá-lá.

SENHORA LINDE Pedi-lo emprestado você não poderia.

NORA Porque não?

SENHORA LINDE Porque uma mulher casada não pode contrair empréstimo sem o consentimento do marido.

NORA *(meneando a cabeça)* Ah, quando se trata de uma mulher um pouco prática... uma mulher que sabe ser hábil...

SENHORA LINDE Não, não compreendo.

NORA E nem precisa compreender. Ninguém disse que pedi emprestado esse dinheiro. Poderia tê-lo conseguido de ou-

tra maneira. *(Atira-se para cima do sofá)* Poderia até havê-lo recebido de um admirador, ora! Com os meus atrativos...

SENHORA LINDE Você está louca!

NORA Certamente você está morrendo de curiosidade!

SENHORA LINDE Diga-me, querida Nora, você não procedeu levianamente?

NORA *(endireitando-se)* Será leviandade salvar a vida do marido?

SENHORA LINDE Sem ele saber, julgo que o seja...

NORA Mas era exatamente isso: ele não devia saber. Você não entende? Ele não devia conhecer nem a gravidade do seu estado. A mim é que os médicos se dirigiram, dizendo que a vida dele corria perigo, que só uma estada no sul podia salvá-lo. Você pensa que não tentei disfarçar? Dizia-lhe que seria um grande prazer para mim ir fazer uma viagem ao estrangeiro como as outras esposas jovens; chorava, suplicava, fazia-lhe ver que no estado em que me encontrava ele se devia curvar aos meus desejos; dei-lhe a entender que ele podia muito bem contrair um empréstimo. Se você visse, Kristina, ele quase perdeu o controle. Disse-me que eu era frívola, e que o seu dever de marido era não ceder ao que, se bem me lembro, ele chamava de meus "caprichos e fantasias". "Bem", dizia eu comigo, "hei de salvá-lo, não importa como". Foi então que encontrei um modo.

SENHORA LINDE E seu marido não soube por seu pai que o dinheiro não provinha dele?

NORA Nunca. O papai morreu dali a dias. Eu havia pensado em lhe revelar tudo, pedindo-lhe que não me traisse, mas ele estava tão mal... Aí não precisei dar esse passo.

SENHORA LINDE E depois, você nunca contou para seu marido?

NORA Não, por Deus! Como eu poderia? Ele é tão rigoroso

nesse ponto!.. E depois, eu feriria seu amor-próprio de homem! Que humilhação saber que me devia alguma coisa! Isso teria modificado toda a nossa relação, e o nosso adorável lar nunca mais seria o mesmo.

SENHORA LINDE Você nunca contará?

NORA *(refletindo, e num meio sorriso)* Talvez... com o tempo, mas não tão cedo. Só quando eu já não for tão bonita como hoje. Não ria! Quero dizer: quando Torvald já não me amar tanto, quando já não se deliciar tanto com o que eu recito ou danço, e as fantasias que eu visto. Então, será bom ter um trunfo à disposição... *(Interrompendo-se)* Tolice! Esse dia nunca há de chegar. Então, Kristina, o que você tem a dizer do meu grande segredo? Eu também sirvo para alguma coisa... Acredite, esse caso me deu muita preocupação. Na verdade não me tem sido fácil efetuar o pagamento na data pré-estabelecida. Eu lhe explico: nesses negócios há uma coisa que se chama juros de trimestre e outra ainda: a amortização; e tudo isso é terrivelmente difícil de arranjar. Tive que economizar um pouco aqui, um pouco ali. Da casa, pouco podia tirar: era preciso que Torvald vivesse com certa comodidade. E as crianças também não podiam andar mal vestidas. Parecia-me que tudo quanto para eles eu recebia lhes pertencia de direito. Queridos anjinhos!

SENHORA LINDE Então o dinheiro teve de ser economizado das suas despesas pessoais? Pobre Nora!

NORA Naturalmente. De mais a mais, era justo. Todas as vezes que Torvald me dava dinheiro para roupas novas, só gastava metade; comprava sempre o tecido mais barato e de qualidade inferior. Sorte minha que tudo me cai tão bem, de forma que Torvald nada suspeitou. Algumas vezes, contudo, custava-me; pois é tão bom andar elegante, não é verdade?

SENHORA LINDE É claro.

NORA E também tinha outros ganhos. No inverno passado, por sorte, consegui um monte de textos para copiar. Então recolhia-me e escrevia até alta noite. Oh! às vezes sentia-me tão cansada! No entanto era tão divertido trabalhar para ganhar dinheiro! Sentia-me quase como um homem.

SENHORA LINDE E quanto você pôde pagar dessa forma?

NORA Ao certo não posso dizer. Você não imagina quanto é difícil manter o controle dessas contas. O que sei é que paguei o mais que pude. Às vezes quase perdia o juízo. *(Sorri)* Então cismava que um velho muito rico se apaixonara por mim.

SENHORA LINDE Quê? Que velho?

NORA Tolices!... Morrera, e ao abrir o seu testamento, estava escrito em letras grandes: "Toda minha fortuna fica para a encantadora senhora Nora Helmer, e deve lhe ser entregue imediatamente, e em dinheiro vivo

SENHORA LINDE Minha querida Nora... que homem era esse?

NORA Oh, Deus, então não compreendes? O velho não existia; era apenas uma idéia que sempre me aparecia quando não via mais meio de arrumar dinheiro. Além disso, agora tudo mudou. O velho enfadonho pode estar onde queira, não me importo mais com ele nem com o testamento, pois hoje estou sossegada. *(Ergue-se vivamente)* Oh! meu Deus! Que encanto pensar nisso, Kristina! Tranqüila! Poder estar tranqüila, completamente tranqüila, brincar com meus filhos, ter uma casa bonita, com gosto, como Torvald a quer. Depois virá a primavera, o lindo céu azul! Talvez então possamos fazer uma viagenzinha. Tornar a ver o mar! Oh! como é adorável viver e ser feliz!

Toque de campainha

SENHORA LINDE *(erguendo-se)* Está chegando alguém; quer que me retire?

NORA Não, fique; não espero ninguém; naturalmente é para Torvald.

A CRIADA *(da porta da saleta)* Com licença, minha senhora; está ali um cavalheiro que pergunta pelo senhor advogado.

NORA Pelo senhor diretor de banco, você quer dizer...

A CRIADA Sim, minha senhora, pelo senhor diretor de banco; mas como o senhor doutor Rank está lá... não sei...

NORA Quem é?

KROGSTAD *(aparecendo)* Sou eu, minha senhora.

SENHORA LINDE *(estremece, perturba-se e volta-se para a janela)*

NORA *(dá um passo para ele e, perturbada, diz à meia voz)* O senhor? Que sucedeu? Para que quer falar com meu marido?

KROGSTAD É a respeito do banco – até certo ponto. Tenho lá um empreguinho, e ouvi dizer que o seu marido vai ser nosso chefe...

NORA Ah. então é apenas...

KROGSTAD Assunto maçante, minha senhora, nada mais.

NORA Queira então fazer o obséquio de entrar no escritório. *(Cumprimenta-o com indiferença, fecha a porta da saleta e volta-se, observando o fogo na estufa)*

SENHORA LINDE Nora... quem é esse homem?

NORA É o advogado Krogstad.

SENHORA LINDE Então é ele mesmo?

NORA Conhece-o?

SENHORA LINDE Conheci-o há muitos anos. Foi algum tempo auxilar de advogado na nossa região.

NORA É verdade.

SENHORA LINDE Como está mudado!

NORA Creio que não foi feliz no casamento.

SENHORA LINDE E está viúvo?

NORA Está. Tem um monte de filhos. Bom, o fogo agora pegou. *(Fecha a porta da estufa e afasta a cadeira de balanço)*

SENHORA LINDE Parece que se ocupa de negócios escusos.

NORA Sim? É possível; não sei... Mas não falemos de negócios; é tão enfadonho...

Entra o doutor Rank, vindo do gabinete de Helmer

RANK *(conversando, na porta entreaberta)* Não; não quero atrapalhá-lo; vou por um momento fazer companhia à sua esposa. *(Fecha a porta e nota a presença da senhora Linde)* Oh! perdão! Também aqui sou importuno.

NORA De modo algum. *(Apresentando-os)* O doutor Rank; a senhora Linde...

RANK Ah, um nome que se ouve com freqüência nesta casa. Parece-me que ao chegar, passei pela senhora na escada?

SENHORA LINDE Sim; não gosto de escadas. Tenho de subir bem devagar.

RANK Algum problema interno?

SENHORA LINDE Na realidade, só estou cansada.

RANK Nada mais? Então, veio à cidade certamente para descansar fazendo visitas...

SENHORA LINDE Vim para procurar trabalho.

RANK Parece-lhe remédio eficaz contra o cansaço?

SENHORA LINDE É preciso viver, doutor.

RANK É a opinião geral: julga-se tal coisa necessária.

SENHORA LINDE Oh! doutor, estou certa de que o senhor também quer viver.

RANK É claro que quero. Mesmo miserável como sou, gostaria de parmanecer aqui e sofrer durante o maior espaço de tempo possível. Todos os meus clientes têm esse desejo. E dá-se o mesmo com aqueles cujo mal é moral. Agora mesmo deixei junto de Helmer um homem que é moralmente inválido, e...

SENHORA LINDE *(com voz abafada)* Ah!

NORA De quem o senhor está falando?

RANK Ah, falo desse advogado Krogstad, um homem que a senhora não conhece. Seu caráter está contaminado até os ossos, mas a primeira coisa que disse – dando-lhe, pois, uma grande importância – foi que precisa viver.

NORA É? Que negócios tem ele a tratar com Torvald?

RANK Para falar a verdade, não sei. Apenas ouvi dizer que se tratava do banco.

NORA Ignorava que Krog... que esse advogado tivesse algo a ver com o banco.

RANK Sim, tem lá uma espécie de emprego. *(Dirigindo-se à senhora Linde)* Não sei se na sua região acontece o mesmo também, mas aqui há um tipo de gente que se dedica a farejar a corrupção moral. Mal a encontra coloca-a num emprego onde possa vigiá-la. Os homens honestos serão deixados de fora, ao relento.

SENHORA LINDE Devemos concordar em que os doentes é que precisam ser cuidados.

RANK *(encolhendo os ombros)* Bonito! Esse tipo de ponto de vista é que está transformando a sociedade num hospital.

NORA *(absorta nos próprios pensamentos, subitamente dá um riso baixinho e bate palmas)*

RANK De que ri? Acaso sabe sequer o que é a sociedade?

NORA Que me importa a sua sociedade enfadonha? Estava

rindo de outra coisa, engraçadíssima. Ora, diga-me, doutor... todas as pessoas empregadas no banco dependem, de hoje em diante, de Torvald?

RANK E é isso que a diverte tanto?

NORA *(sorrindo e cantarolando)* Não faça caso. *(Passeia pela sala)* Sim, é agradável; custa-me crer que nós... que Torvald tenha agora tamanha influência sobre tanta gente! *(Tira da algibeira o saco de bolinhos de amêndoas)* Quer um pouco de bolinho de amêndoas, doutor?

RANK Quê? bolinho de amêndoas?! Julgava que isso fosse proibido nesta casa.

NORA E é, mas estas foram trazidas por Kristina.

SENHORA LINDE Eu?!...

NORA Não precisa se assustar. Você não podia adivinhar que Torvald as tinha proibido. Sabe por quê? Porque receia que me estraguem os dentes. Mas, ora!... uma vez só! Não é verdade, doutor Rank?... Olhe! *(Mete-lhe um confeito na boca)* E você também, Kristina! Para mim só tiro uma pequenina... ou duas, quando muito. *(Torna a andar pela sala)* Oh! Estou terrivelmente feliz! Só há neste mundo uma coisa que me apeteceria tanto.

RANK Que será...?

NORA Uma coisa que eu gostaria imensamente de dizer diante de Torvald.

RANK E por que não a diz?

NORA Não me atrevo, é muito feio.

SENHORA LINDE Feio?...

RANK Se assim é, de fato, o melhor é não dizê-la; mas a nós podia... Que é então que lhe apeteceria dizer diante de Helmer?

NORA Tenho muita vontade de dizer: Caramba!

RANK Que louquinha!

SENHORA LINDE Então, Nora...

RANK Olhe, diga agora; lá vem ele.

NORA *(escondendo o saco de bolinhos)* Pss! Pss!

HELMER *(aparece na porta do escritório, de sobretudo no braço e chapéu na mão)*

NORA *(dirigindo-se a ele)* Então, Torvald querido, já se livrou dele?

HELMER Já; foi-se agora.

NORA Posso lhe apresentar? É Kristina, que chegou hoje.

HELMER Kristina?... Queiram desculpar, mas verdadeiramente não sei...

NORA A senhora Linde, meu querido, a senhora Kristina Linde.

HELMER Ah! muito bem! É provavelmente uma amiga de infância de minha esposa?

SENHORA LINDE Exatamente, somos velhas amigas.

NORA Imagine que ela empreendeu essa comprida viagem para lhe falar!

HELMER Para *falar-me?*

SENHORA LINDE Não foi só esse o motivo...

NORA É que Kristina é muito hábil em trabalhos de escritório, e deseja muitíssimo estar sob as ordens de um homem superior e adquirir ainda mais experiência.

HELMER Tem toda a razão, minha senhora.

NORA Então logo que soube da sua nomeação para diretor do banco – soube-o por um telegrama –, pôs-se imediatamente a caminho. E você, para me ser agradável... há de se empenhar por Kristina, não é mesmo?

HELMER Não é de todo impossível. Suponho que talvez a senhora seja viúva?

SENHORA LINDE Sou.

HELMER E tem prática em trabalhos administrativos?

SENHORA LINDE Sim senhor, bastante.

HELMER Então é muito provável que lhe arranje um lugar...

NORA *(batendo palmas)* Está vendo?

HELMER Chegou numa boa ocasião, minha senhora.

SENHORA LINDE Não sei como agradecer-lhe!

HELMER Oh! não falemos nisso! *(Veste o sobretudo)* Agora, porém, queiram desculpar-me...

RANK Espere; vou contigo. *(Vai buscar o casaco de pele na saleta e aproxima-se da estufa para aquecê-lo)*

NORA Não demore, caro Torvald.

HELMER Uma hora, quando muito.

NORA Você também já vai, Kristina?

SENHORA LINDE *(pondo o casaco)* Preciso arranjar alojamento.

HELMER Podemos ir juntos um pedaço.

NORA *(ajudando-a)* É pena estarmos tão apertados... mas é impossível...

SENHORA LINDE Que idéia, Nora! Até depois, minha querida, e muito obrigada.

NORA Até logo. É claro, à noite você volta. E o senhor também, doutor. Quê? Se estiver disposto? Decerto que estará. Basta agasalhar-se bem.

Saem conversando pela porta da entrada. Ouvem-se as vozes das crianças na escada

NORA Aí vêm eles! aí vêm eles! *(Corre a abrir, entra Anna-Maria, a babá, com as crianças)* Entrem, entrem! *(Curva-se e beija-as)* Oh! meus queridos! Está vendo, Kristina? Não são umas gracinhas?

RANK Não fiquem batendo papo na corrente de ar.

HELMER Venha, senhora Linde, aqui só uma mãe agüenta ficar.

O doutor Rank, Helmer e a senhora Linde descem a escada. A babá entra na cena com as crianças. Nora também, depois de fechar a porta

NORA Como estão frescos e alegres! Ah, que faces coradinhas! Parecem maçãs ou rosas!

As crianças falam-lhe todas ao mesmo tempo até o final da cena

Então brincaram muito? Mas isso é ótimo! Sério? Você puxou o trenó com Emmy e Bob em cima? É impossível! Com os dois! Ah! você é um valentezinho, Ivar! Ah! deixe-a ficar um instante comigo, Anna-Maria. Minha querida bonequinha! *(Pega a filhinha e dança com ela)* Sim, sim, a mamãe também vai dançar com Bob. Quê? Fizeram bolas de neve? Ah! quem me dera ter ido também! Não, deixe-me, Anna-Maria. Quero eu mesma tirar-lhes os agasalhos. É tão divertido! Entre, você parece gelada. Na cozinha tem café quente.

A babá entra no quarto do lado esquerdo. Nora tira os agasalhos e os chapéus dos filhos, espalhando-os pela sala, enquanto deixa que as crianças falem ao mesmo tempo

NORA Ah! Um grande cão atrás dos meus filhos? Mas não mordia. Não, os cães não mordem bonequinhos lindos e tão queridos! Ivar, não abra os embrulhos. O que tem nesse aí? Você não pode saber! Não, não é nada bonito. Ah, vocês

querem brincar? De quê? De esconde-esconde? Está bem. O primeiro a se esconder é o Bob. Eu? Então sou eu, está bem.

Nora e os filhos começam a brincar, gritando e rindo pelas duas salas contíguas. Por fim, Nora esconde-se debaixo da mesa. As crianças chegam em tropel e procuram-na sem a encontrar. Ouvem-lhe o riso abafado; precipitam-se para a mesa, levantam o pano e descobrem-na. Gritos de alegria. Ela sai com as mãos no chão, como para os amedrontar, novos gritos de alegria. Entrementes, alguém bate à porta de entrada, sem que ninguém ouça. A porta entreabre-se e vê-se Krogstad. Espera um momento. O jogo prossegue

KROGSTAD Perdão, senhora Helmer...

NORA *(solta um grito surdo e ergue-se um pouco)* Que deseja?

KROGSTAD Desculpe-me; a porta estava entreaberta. Esqueceram-se de fechá-la.

NORA *(levantando-se)* Meu esposo não está em casa, senhor Krogstad.

KROGSTAD Bem sei.

NORA Então... o que quer?

KROGSTAD Trocar consigo algumas palavras.

NORA Comigo?... *(Baixo, aos filhos)* Vão ficar com Anna-Maria. O quê?... Não, o estranho não quer fazer mal a mamãe... Quando ele for embora vamos jogar outra vez. *(Acompanha as crianças até o compartimento* da *esquerda e fecha a porta atrás delas)*

NORA *(inquieta, agitada)* Deseja falar comigo?

KROGSTAD Sim, minha senhora, consigo.

NORA Hoje?... Mas ainda não estamos no primeiro do mês...

KROGSTAD Não; estamos na véspera do Natal. Da senhora depende que este Natal lhe traga alegria ou pesar.

NORA Mas que pretende? Hoje é verdadeiramente impossível...

KROGSTAD Por enquanto não falemos nesse assunto. Trata-se de outra coisa. Pode conceder-me um momento?

NORA Posso, certamente, ainda que...

KROGSTAD Bem. Encontrava-me no restaurante Olsen quando vi passar o senhor seu marido...

NORA Ah!

KROGSTAD Com uma dama.

NORA E então?

KROGSTAD Permita-me uma pergunta. Essa dama não era a senhora Linde?

NORA Era.

KROGSTAD Chegou hoje?

NORA Sim, hoje.

KROGSTAD Ela é uma boa amiga da senhora?

NORA É, mas não percebo...

KROGSTAD Também a conheci outrora.

NORA Sim, eu sei.

KROGSTAD Verdade? Então a senhora ouviu falar a respeito? Bem me parecia. Nesse caso poderá dizer-me se a senhora Linde vai ter uma colocação no banco?

NORA Como ousa o senhor interrogar-me a esse respeito? O senhor, que é subordinado do meu marido! Mas, uma vez que está perguntando, vou satisfazer-lhe a curiosidade. Efetivamente, a senhora Linde vai ser funcionária do banco. E foi devido a mim, senhor Krogstad. E agora já está sabendo.

KROGSTAD Sim, é o que eu imaginava.

NORA *(andando de um lado para outro da cena)* Como vê, ainda tenho alguma influência. Embora seja mulher, isso não significa... Sim, quando se está numa situação subalterna, senhor Krogstad, é preciso ter cuidado em não molestar alguém que... hum...

KROGSTAD ... que tenha influência?

NORA Exatamente.

KROGSTAD *(mudando de tom)* Senhora Helmer, a senhora seria boa a ponto de usar da sua influência em meu favor?

NORA Quê? Não compreendo.

KROGSTAD Teria a bondade de interceder para que eu conserve o meu modesto lugar no banco?

NORA Que quer dizer? Quem está tentando tirá-lo do senhor?

KROGSTAD Oh! Não é preciso simular diante de *mim*. Compreendo muitíssimo bem que a sua amiga não sinta grande prazer em me ver, e agora sei a quem devo agradecer por minha dispensa.

NORA Mas afirmo-lhe...

KROGSTAD Enfim, em duas palavras: ainda é tempo, e aconselho-a a empregar a sua influência para evitar tal coisa.

NORA Mas, senhor Krogstad, eu não tenho nenhum influência.

KROGSTAD Como assim? Parece-me que ainda há pouco a ouvi dizer...

NORA Claro que não era nesse sentido. Como pode o senhor supor que eu tenha tamanho poder sobre o meu marido?

KROGSTAD Oh! Eu conheço o seu marido do tempo em que éramos estudantes. Não creio que o nobre diretor do banco seja mais inflexível do que os outros homens casados.

NORA Se se referir de modo ofensivo a meu marido, expulso-o!

KROGSTAD Que coragem a senhora tem!

NORA Não o temo. Passado o Ano Novo, ficarei livre de si.

KROGSTAD *(contendo-se)* Ouça, minha senhora: sendo necessário, para conservar o meu emprego lutarei como se se tratasse de um caso de vida ou morte.

NORA De fato, é isso que parece.

KROGSTAD Não é apenas por causa do salário; isso é o de menos. Há, porém, outra coisa... enfim, vou lhe dizer tudo. A senhora sabe, naturalmente, como toda a gente, que cometi uma imprudência muitos anos atrás.

NORA Parece-me que ouvi falar...

KROGSTAD O caso não chegou aos tribunais; mas desde então todos os caminhos me foram fechados. Assim, eu passei a me dedicar àquela espécie de negócios que a senhora conhece; era necessário encontrar qualquer coisa, e posso dizer que não fui pior que os outros. Mas agora quero livrar-me desse tipo de coisa. Meus filhos estão crescendo; por causa deles quero recuperar, o mais possível, minha respeitabilidade de cidadão. Esse lugar no banco era para mim o primeiro passo. E agora o seu marido quer empurrar-me de volta à lama.

NORA Mas, honestamente, senhor Krogstad, eu nada posso fazer para auxiliá-lo.

KROGSTAD Isso porque a senhora não quer. Mas tenho meios que a obrigarão a fazê-lo.

NORA O senhor, decerto, não irá dizer a meu marido que lhe devo dinheiro?

KROGSTAD Hum! E se assim fosse?

NORA Seria indecoroso da sua parte. *(Com a voz embargada)* Esse segredo de que tanto me orgulho, não gostaria que ele o soubesse dessa maneira feia e brutal... pelo *senhor*. Seria expor-me a grandes contrariedades.

KROGSTAD Somente contrariedades?

NORA *(vivamente)* Proceda como quiser: diga-lhe tudo. Quem sofrerá mais será o senhor; meu marido verá então que espécie de homem é, e então pode ficar certo de que perderá o seu lugar.

KROGSTAD Perguntei-lhe se receia apenas contrariedades na sua vida doméstica.

NORA Se meu marido souber de tudo, naturalmente irá querer pagar logo; e então ficaríamos livres do senhor.

KROGSTAD *(dando um passo para ela)* Ouça, senhora Helmer... Ou a senhora não tem memória, ou então tem pouca experiência em negócios. Preciso esclarecê-la um pouco.

NORA Para quê?

KROGSTAD Na época da enfermidade de seu marido a senhora dirigiu-se a mim para lhe emprestar mil e duzentos táleres.

NORA Não conhecia mais ninguém...

KROGSTAD Prometi conseguir-lhe essa quantia.

NORA E conseguiu.

KROGSTAD Prometi obter-lhe essa quantia sob certas condições. A senhora, porém, estava tão preocupada com a doença de seu marido e tão empenhada em conseguir o dinheiro da viagem que, julgo, não deu atenção aos detalhes. Eis a razão por que não acho demais repeti-las agora. Pois bem! Prometi obter-lhe o dinheiro mediante um recibo que eu elaborei.

NORA E que eu assinei.

KROGSTAD Bem. Mas, mais abaixo acrescentavam-se algumas linhas pelas quais seu pai se tornava seu fiador. Essas linhas deveriam ser assinadas por ele.

NORA Deveriam, diz o senhor? E ele assim o fez.

KROGSTAD Eu havia deixado o espaço da data em branco; isso queria dizer que quem devia indicar a data da assinatura era o seu pai. Recorda-se disso?

NORA Sim, efetivamente...

KROGSTAD Então eu lhe entreguei a promissória que a senhora tinha de remeter pelo correio a seu pai. Foi assim que tudo se passou, não é verdade?

NORA Foi.

KROGSTAD E, claro, a senhora o remeteu imediatamente, pois daí a cinco ou seis dias me apresentava a promissória com a assinatura de seu pai. E a quantia foi-lhe entregue.

NORA Sim, e então? Não paguei minhas prestações com pontualidade?

KROGSTAD Sim, com muita pontualidade. Mas, voltando ao que estávamos falando... Aqueles tempos, decerto, foram difíceis para a senhora...

NORA Não nego.

KROGSTAD Parece-me que seu pai estava acamado, muito doente.

NORA Ele estava morrendo.

KROGSTAD E não demorou muito, ele morreu.

NORA Sim.

KROGSTAD Diga-me, minha senhora, acaso se recorda da data da morte de seu pai? Quero dizer, a que dia do mês...?

NORA Meu pai faleceu a 29 de setembro.

KROGSTAD Exato. Estou informado. E por essa mesma razão é que não consigo explicar... *(tira do bolso um papel)* uma coisa curiosa...

NORA Que coisa curiosa? Não sei...

KROGSTAD O curioso, senhora Helmer, é que seu pai assinou a promissória três dias depois de morto.

NORA Como assim? Não entendo.

KROGSTAD Seu pai faleceu no dia vinte e nove de setembro. Mas veja. Sua assinatura é datada do dia dois de outubro. Não é estranho isso?

NORA *(silencia-se)*

KROGSTAD Também é evidente que as palavras: dois de outubro, assim como o ano, não são do punho de seu pai, mas têm uma caligrafia que me é conhecida. Enfim, é coisa que se pode explicar. Seu pai teria se esquecido de datar a assinatura, e alguém o fez ao acaso, antes de ter conhecimento da sua morte. Não há grande mal nisso. Aqui o essencial é a assinatura. E esta é autêntica, não é mesmo, senhora Helmer? Foi de fato, seu próprio pai quem escreveu aqui o seu nome?

NORA *(depois de breve silêncio, ergue a cabeça e encara-o com ar provocante)* Não, *não foi* ele. Quem escreveu o nome de papai fui eu.

KROGSTAD Sabe, minha senhora, que essa confissão é perigosa?

NORA Por quê? Daqui a pouco o senhor terá o seu dinheiro.

KROGSTAD Permita-me outra pergunta. Por que não enviou o papel a seu pai?

NORA Era impossível. Ele estava tão doente! Para lhe pedir a assinatura eu tinha de lhe explicar a que se destinava o dinheiro. Mas eu não poderia lhe dizer, no estado em que se encontrava, que a vida de meu marido corria perigo. Era impossível.

KROGSTAD Nesse caso o melhor teria sido renunciar à viagem.

NORA De modo algum. Essa viagem devia salvar a vida de meu marido. Não podia renunciar a ela.

KROGSTAD E a senhora não pensou que cometia uma fraude para comigo?

NORA Não podia nem pensar nisso. Que me importava a mim

o senhor! Eu já não o podia suportar por causa de todos os frios argumentos que me apresentava, sabendo que meu marido estava em perigo!

KROGSTAD Senhora Helmer, vejo claramente que a senhora não percebe a extensão da sua culpa. Mas vou lhe dizer uma coisa: o ato que arruinou a minha reputação social não era mais criminoso que o seu.

NORA O quê? O senhor está querendo me fazer crer que praticou uma ação corajosa para salvar a vida de sua mulher?!

KROGSTAD As leis não se preocupam com motivos.

NORA Nesse caso, são leis bastante más.

KROGSTAD Más ou não... se eu mostrar este papel à justiça, segundo as leis a senhora será condenada.

NORA Não acredito. Então uma filha não terá o direito de evitar a seu velho pai moribundo inquietações e angústias? Uma mulher não terá o direito de salvar a vida de seu marido? Eu não conheço a fundo as leis, é claro; mas estou certa de que deve estar escrito em alguma parte que tais coisas são permitidas. E o senhor não sabe disso? O senhor, um advogado?! Parece-me pouco hábil como homem de leis, senhor Krogstad.

KROGSTAD É possível. Mas de negócios como esses nossos... concorda que entendo, não é verdade? Bem. Agora proceda como bem entender; o que lhe posso afirmar é que se eu for expulso pela segunda vez, a senhora me fará companhia. *(Cumprimenta e sai)*

NORA *(reflete por algum tempo; depois ergue a cabeça)* Ora! Ele queria assustar-me! Mas eu não sou tão tola! *(Começa a apanhar as roupas dos filhos, mas detém-se passado um momento)* Mas...? Não, é impossível! Se o que fiz foi por amor!

As Crianças *(à porta da esquerda)* Mamãe, o estranho já foi embora.

Nora Sim, sim, já sei. Mas não falem a ninguém sobre aquele estranho, entenderam? Nem mesmo ao papai.

As Crianças Não, mamãe. Vamos agora brincar de novo?

Nora Não, não; agora não.

As Crianças Mas você prometeu, mamãe...

Nora Agora não posso. Entrem no quarto. Vão-se embora; tenho muito que fazer. Vão, meus filhinhos queridos... (Empurra-os meigamente e fecha a porta atrás deles. Senta-se no sofá; pega num bordado, dá alguns pontos, mas logo pára) Não! (Atira o bordado, ergue-se, vai à porta da entrada e grita) Helena! traga-me a árvore. (Aproxima-se da mesa da esquerda e abre a gaveta; depois estaca) Não, é absolutamente impossível!

A Criada *(trazendo a árvore de Natal)* Onde a coloco, senhora?

Nora Ali; no meio da sala.

A Criada A senhora precisa de mais alguma çoisa?

Nora Não, obrigada; tenho tudo aqui: *(Deixando a árvore de Natal, a criada sai)*

Nora *(ornamentando a árvore)* Aqui, devem ficar umas velas... ali, os adornos... Que homem mau! Tolice! Tolice! Isso tudo não tem importância. –Há de ficar linda a árvore de Natal. Quero fazer tudo o que te traz alegria, Torvald; dançarei para você, cantarei...

Helmer *(entra com uma pasta cheia de documentos sob o braço)*

Nora Ah! Você já voltou!

Helmer Já. Veio alguém?

Nora Aqui em casa, não.

Helmer É estranho. Vi Krogstad sair do prédio.

Nora Ah, sim, Krogstad me fez uma breve visita.

Helmer Nora, posso ver pela sua expressão que ele lhe pediu para interceder em seu favor.

Nora Foi.

Helmer E você tencionava fazer com que esse pedido parecesse uma idéia sua. Eu não devia saber da visita dele. Não foi o que ele pediu?

Nora Foi, Torvald, mas...

Helmer Nora, Nora! Como você se presta a esse tipo de coisa? Dar ouvidos a um homem como esse e comprometer-se com ele! E, ainda por cima, mentir para mim!

Nora Mentir?

Helmer Então você não me disse que ninguém tinha vindo aqui? *(Ameaçando-a com o dedo)* Não faça mais isso, minha ave canora. Uma ave canora deve ter o bico limpo para gorjear; e nada de notas desafinadas. *(Passa-lhe o braço pela cintura)* Não é verdade?... Eu sabia que era. *(Solta-a)* E agora, nem mais uma palavra sobre o assunto. *(Senta-se junto da estufa)* Como está quente e acolhedor aqui! *(Fo lheia os papéis)*

Nora *(ocupa-se guarnecendo a árvore. Após um breve silêncio)* Torvald!

Helmer Sim.

Nora Estou terrivelmente feliz pelo baile a fantasia que os Stenborg vão dar depois de amanhã.

Helmer E eu terrivelmente curioso em ver a surpresa que você me prepara.

Nora Ah, essa história boba!

Helmer O quê?

Nora Não sou capaz de encontrar algo que dê certo; tudo é tão tolo e insignificante.

HELMER Ah, então a minha pequena Nora chegou a essa conclusão?

NORA *(por detrás do cadeira do marido, com a mão no encosto)* Você está muito atarefado, Torvald?

HELMER Estou...

NORA Que papéis são esses?

HELMER Negócios do banco.

NORA Já?

HELMER Solicitei dos antigos diretores plenos poderes para empreender as mudanças necessárias no pessoal e nos negócios. Vou empregar a semana do Natal nesse trabalho. Quero ter tudo em ordem para o princípio do ano.

NORA Então foi por isso que o pobre Krogstad...

HELMER Hum!...

NORA *(curva-se um pouco para a frente e passa a mão pelos cabelos* de *Helmer)* Se você não estivesse tão ocupado eu lhe pediria um enorme favor, Torvald.

HELMER Vamos ver. O que é?

NORA Ninguém tem mais bom gosto que você, e eu queria me apresentar bem no baile... Você não poderia se ocupar um pouquinho comigo e ajudar a escolher a minha fantasia?

HELMER A-há! A minha mulherzinha obstinada está em dificuldades e quer que alguém a socorra?

NORA É verdade, Torvald, nada posso resolver sem você.

HELMER Bem, bem; pensaremos nisso, e decerto encontraremos alguma coisa.

NORA Ah? como você é amável! *(Volta à árvore de Natal. Silêncio)* Como estas flores vermelhas ficam lindas! Torvald, o que Krogstad fez foi tão terrível assim?

HELMER Falsificou assinaturas. Você compreende o que isso significa?

NORA Não teria sido levado a isso pela necessidade?

HELMER Pode ser... ou, como tantos outros, por simples imprudência. E eu não sou tão cruel a ponto de condenar um homem por um único deslize.

NORA Você não faria isso, não é, Torvald?

HELMER Muitos homens se reabilitam moralmente, mas para isso é preciso que confessem sem rodeios seu crime e que aceitem a punição.

NORA A punição?

HELMER Mas Krogstad não quis seguir esse caminho. Procurou escapar da situação recorrendo a diversos expedientes e à habilidade; foi o que o arruinou.

NORA Então você acredita que...

HELMER Ora, imagine como, depois de um delito desses, o indivíduo tem de passar a mentir e a ser hipócrita todo o tempo. Ele é obrigado a dissimular até com os que lhe são mais próximos e caros: a esposa e os filhos. Sim, até com os filhos... e isso é o mais terrível, Nora.

NORA Por quê?

HELMER Porque uma atmosfera mentirosa contagia e envenena a vida daquele lar. De cada vez que os filhos respiram naquela casa, absorvem os germes do mal.

NORA *(aproximando-se)* Tem certeza disso?

HELMER Como advogado já vi isso muitas vezes, querida. Quase todos os jovens que se voltaram para o crime tiveram mães mentirosas.

NORA E por que exatamente mães?

HELMER Quase sempre a falha é da mãe, mas, é claro, o pai pode influir no mesmo sentido. Todos os advogados reconhecem isso. E certamente esse sujeito, Krogstad, durante anos vem envenenando os próprios filhos com mentiras e

dissimulação. Por isso eu o considero um homem moralmente perdido. *(Estende-lhe a mão)* E por isso a minha pequena e querida Nora precisa prometer não interceder mais em seu favor. Dê-me a sua palavra. Mas o que é isso? Estenda-me a mão. Assim. Está decidido. Afirmo-lhe que me seria im-possível trabalhar com ele. Sinto, literalmente, um mal-estar físico junto de pessoas assim.

NORA *(retira a mão e vai se colocar do outro lado da árvore)* Como está quente aqui! Além disso eu tenho ainda muita coisa para fazer.

HELMER *(levanta-se e reúne os papéis)* Sim, eu também. Tenho de examinar isto antes do almoço. Depois pensarei em sua fantasia. Pode ser que eu também tenha qualquer coisa para dependurar na árvore, num papel dourado. *(Coloca-lhe a mão sobre a cabeça)* Oh! minha querida avezinha canora! *(Entra no escritório e fecha a porta)*

NORA *(baixo, após um breve silêncio)* Ah! não pode ser. Isso não é possível. Não pode ser possível!

BABÁ *(à porta da esquerda)* As crianças querem entrar para ficar com a senhora; estão pedindo de um modo tão engraçadinho!

NORA Não, não, não, não os quero aqui. Fique com elas, Anna-Maria.

BABÁ Está certo, senhora. *(Fecha a porta)*

NORA *(pálida de pavor)* Perverter os meus filhinhos!... Envenenar o meu lar!... *(Breve silêncio, ergue a fronte)* Não é verdade! Não pode ser verdade. Nunca, nunca!

SEGUNDO ATO

Mesma cena. A árvore de Natal desnudada e desgrenhada com os cepos das velas queimadas está à um canto, junto do piano. Sobre o sofá, ao acaso, o chapéu e a capa de Nora. Nora, sozinha, anda de um lado para o outro, agitada; por fim detém-se junto do sofá e pega a capa

NORA *(largando a capa)* Chegou alguém!... *(Dirige-se á porta e põe o ouvido à escuta)* Não, não é ninguém. Não, não; ainda não é para hoje, dia de Natal; para amanhã também não... Mas, quem sabe...? *(Abre a porta e olha para fora)* Nada; a caixa de correspondência está vazia. *(Vem para a frente)* Que besteira! Aquela ameaça não era a sério! Tal coisa não pode acontecer... é impossível... tenho três filhinhos.

A babá, carregando uma grande caixa de papelão, entra pela porta esquerda

BABÁ Até que enfim encontrei a caixa com as fantasias.

NORA Obrigada, ponha-a na mesa.

BABÁ *(obedecendo)* Naturalmente precisa ser arrumada.

NORA Ah, meu desejo é rasgá-la em mil pedacinhos.

BABÁ Ah! isso não! Pode ser consertada logo; é preciso só um pouquinho de paciência.

NORA Sim, vou pedir à senhora Linde que venha me ajudar.

BABÁ Sair outra vez? Com esse tempo?! A senhora pode apanhar um resfriado... e cair de cama.

NORA Há coisas piores que isso... Como estão as crianças?

BABÁ Coitadinhas, estão brincando com seus presentes de Natal, mas...

NORA Perguntam muito por mim?

BABÁ Elas estão muito habituadas a ficar com a senhora.

NORA Decerto, Anna-Maria; mas, olhe, daqui por diante *não posso* estar tantas vezes junto delas.

BABÁ Está bem, elas acabarão se acostumando.

NORA Você acha? Se eu as deixasse para sempre, você acredita que me esqueceriam?

BABÁ Para sempre?... Deus nos livre disso!

NORA Ouça, Anna-Maria... quantas vezes tenho pensado nisso, me diga como foi que você teve coragem de confiar o seu filho a estranhos?

BABÁ Assim foi preciso, para criar a minha pequena Nora.

NORA Sim, mas como você pôde tomar a decisão?

BABÁ Quando é que eu teria uma colocação tão boa? Era uma sorte muito grande para uma moça que dera tão mau passo... E o tratante não queria saber de mim.

NORA A sua filha a esqueceu, sem dúvida.

BABÁ Não, não esqueceu. Escreveu-me quando foi crismada e depois quando se casou.

NORA *(lançando-lhe os braços ao pescoço)* Minha velha e boa Anna-Maria, você foi uma boa mãe para mim quando eu era pequena.

BABÁ Pobre pequena Nora, não tinha outra mãe, senão eu.

NORA E se os meus filhinhos também não tiverem outra; bem sei que você... Bobagem, bobagem! *(Abre a caixa)* Vá ficar com eles, eu agora preciso... você vai ver como ficarei bonita amanhã.

BABÁ Tenho certeza de que no baile todo não haverá ninguém tão bonita como a senhora, dona Nora. *(Sai pela porta da esquerda)*

NORA *(abrindo a caixa, mas logo atirando tudo para longe)* Se eu me atrevesse a sair... Se estivesse certa de que não aparecerá ninguém... Se soubesse que nada aconteceria até a minha volta... Que tolice! Preciso parar de pensar nisso. Ninguém virá. Vou escovar o regalo. Que lindas luvas, que lindas! Não vou pensar, não vou. Um, dois, três, quatro, cinco, seis... *(Solta um grito)* Ah! aí vem... *(Quer se encaminhar para a porta, mas fica indecisa)*

SENHORA LINDE *(entra, depois de deixar o casaco e o chapéu na saleta)*

NORA Ah, é você, Kristina? Não há mais ninguém lá fora?... Que bom você ter vindo!

SENHORA LINDE Soube que você esteve me procurando.

NORA É verdade, passei pela sua casa... Queria lhe pedir que me ajudasse. Sente-se aqui no sofá, ao meu lado. Olhe, amanhã há um baile a fantasia no andar superior, na casa do cônsul Stenborg. Torvald quer que eu me disfarce de pescadora napolitana e dance a tarantela que aprendi em Capri.

SENHORA LINDE Sim, senhora, você vai dar um espetáculo!

NORA É Torvald quem quer. Está aqui a roupa; ele me mandou fazê-la ainda lá no sul. Mas está tão estragada que não sei...

SENHORA LINDE Isso se arranja depressa. Só os babados é que

estão descosturados em alguns pontos. Dê-me linha e uma agulha. Ótimo, tem tudo o que preciso.

NORA Como lhe agradeço!

SENHORA LINDE *(costurando)* Então você vai se fantasiar amanhã. Sabe de uma coisa, virei aqui para vê-Ia fantasiada. Olha! Já estava me esquecendo de agradecer-lhe pela noite agradável de ontem.

NORA *(erguendo-se e atravessando a cena)* Oh, ontem... Pareceu-me que não se estava tão agradável como de costume. Você devia ter se lembrado dessa viagem há mais tempo, Kristina... É verdade que Torvald tem o grande dom de tornar a casa animada, aprazível.

SENHORA LINDE E você também, Nora... creio eu... a digna filha de seu pai. Mas, diga-me, o doutor Rank está sempre assim soturno como estava ontem?

NORA Não, ontem estava mais desanimado. Atacou-o uma terrível doença: sofre de tabe, o coitado. O pai dele era um libertino. Tinha amantes... e compreende... a conseqüência disso foi o filho já nascer assim doente.

SENHORA LINDE *(repousando no colo o trabalho que está fazendo)* Mas, minha querida Nora, quem é que lhe conta essas histórias?

NORA *(andando)* Ora!... Quando já se tem três filhos... recebe-se a visita de certas senhoras que são meio médicas e que nos contam coisas...

SENHORA LINDE *(continua a costurar; breve silêncio)* O doutor vem aqui todos os dias?

NORA Todos. É o melhor amigo de infância de Helmer, e é meu amigo também. O doutor Rank é, por assim dizer, de casa.

SENHORA LINDE E será homem absolutamente sincero? Quero dizer... não é dado a dizer coisas só para agradar?

NORA Pelo contrário. Que idéia foi essa?

SENHORA LINDE Ontem, quando você nos apresentou, ele afirmou que já ouvira muitas vezes o meu nome nesta casa; ora, depois eu percebi que seu marido não tinha nenhuma idéia de quem eu era. Como foi então que o doutor Rank pôde...?

NORA Você tem razão, Kristina. Torvald me adora; e quer que eu só viva para ele, como ele próprio diz. Nos primeiros tempos ficava enciumado quando eu mencionava alguma pessoa querida que me rodeava antigamente. Assim, acabei por censurá-las na minha conversa. Mas com o doutor Rank posso expandir-me, pois ele até gosta de me ouvir falar delas.

SENHORA LINDE Ouça bem o que lhe digo, Nora; sob muitos aspectos você é como se ainda fosse uma criança; eu sou um pouco mais velha e tenho também um pouco mais de experiência. Vou dar-lhe um conselho, quanto ao doutor Rank: é necessário parar com isso.

NORA Parar com o quê?

SENHORA LINDE Bem... Com as duas coisas, acho. Ontem você me falou de um rico admirador que lhe iria conseguir dinheiro.

NORA Falei; mas não existe... infelizmente! Mas o que tem isso?

SENHORA LINDE O doutor Rank é rico?

NORA É, tem fortuna.

SENHORA LINDE E ninguém que dependa dele?

NORA Não, mas...

SENHORA LINDE E vem cá todo santo dia?

NORA Você sabe que sim.

SENHORA LINDE Como pode esse homem delicado ser tão...

NORA Não compreendo absolutamente nada do que você está dizendo.

SENHORA LINDE Não finja, Nora, pensa que eu não advinhei quem lhe emprestou os mil e duzentos táleres?

NORA Você perdeu o juízo? Como pode pensar numa coisa dessas? De um amigo que vem cá todos os dias! Seria uma situação terrível.

SENHORA LINDE Então, de verdade, não foi ele?

NORA Não, asseguro-lhe. Isso nunca passou pela minha cabeça, nem por um instante. Além de tudo, naquela época ele nada podia emprestar; só depois é que recebeu a herança.

SENHORA LINDE Então, querida Nora, foi uma sorte para você que tenha sido assim.

NORA Não, nunca passaria pela minha cabeça pedir ao doutor Rank... No entanto estou certa de que se eu lhe pedisse...

SENHORA LINDE ... coisa que, naturalmente você não faria...

NORA Não, claro. Nem prevejo essa necessidade. Estou bem certa, porém, de que se eu falasse ao doutor Rank...

SENHORA LINDE Sem que seu marido soubesse?

NORA Preciso sair dessa outra situação – essa sim, ignorada por ele. Isso tem de terminar.

SENHORA LINDE Era o que eu estava lhe dizendo ontem, mas...

NORA *(andando de um lado para o outro)* Um homem desvencilha-se melhor desses negócios que uma mulher...

SENHORA LINDE Se for seu próprio marido, sim!

NORA Tolices! *(Detendo-se)* Depois de uma conta paga entregam-nos uma nota promissória quitada, não é assim?

SENHORA LINDE Sem dúvida.

NORA E podemos então rasgá-la em mil pedacinhos, queimá-la... Papel nojento!

SENHORA LINDE *(olha-a fixamente, depõe o trabalho, e levanta-se devagar)* Nora, você me esconde alguma coisa.

NORA É tão óbvio assim?

SENHORA LINDE Desde ontem pela manhã alguma coisa aconteceu com você. Diga-me: o que foi, Nora?

NORA *(virando-se para ela)* Kristina! *(Apurando o ouvido)* Pss! Torvald chegou. Olhe, vá para o quarto das crianças. Torvald não tolera ver costuras. Diga à Anna-Maria que a ajude.

SENHORA LINDE *(juntando uma parte dos enfeites e utensílios de costura)* Está bem; mas não vou embora enquanto não conversarmos tudo francamente. *(Sai pela porta da esquerda; ao mesmo tempo Helmer entra pela da saleta)*

NORA *(indo ao seu encontro)* Esperava-o com impaciência, caro Torvald!

HELMER Era a costureira?

NORA Não, era Kristina; está me ajudando a consertar a roupa. Você verá que sensação farei!

HELMER Sim, não foi uma idéia brilhante, essa minha?

NORA Uma ótima idéia. Mas também não foi gentil de minha parte seguir a sua sugestão?

HELMER *(afagando-lhe o queixo)* Gentil por obedecer ao seu marido? Vamos, minha tontinha, bem sei que não foi isso que você quis dizer. Mas não vou importuná-la. Sei que você está querendo experimentar a roupa.

NORA E você, vai trabalhar?

HELMER Vou. *(Mostrando papéis)* Está vendo? Fui ao banco. *(Dirige-se para o escritório)*

NORA Torvald.

HELMER *(parando)* Quê?

NORA Se o seu esquilinho pedisse muito graciosamente uma coisa?

HELMER Qual?

NORA Você a faria?

HELMER Em primeiro lugar precisaria saber do que se trata.

NORA Se você fosse amável e dócil, o esquilinho saltaria e faria todo tipo de gracinhas.

HELMER Diga depressa.

NORA A cotovia trinaria e a sua canção encheria a casa inteira.

HELMER A cotovia não faz outra coisa.

NORA Seria uma fada e dançaria para você sob a luz do luar, Torvald.

HELMER Nora... não me diga que se trata do assunto a que você fez alusão esta manhã?

NORA *(aproximando-se)* Sim, Torvald... eu lhe peço.

HELMER Surpreende-me que você volte a falar nisso.

NORA Sim, Torvald, sim, é preciso consentir, é preciso que Krogstad conserve o seu lugar no banco.

HELMER Minha querida Nora, destinei esse lugar à senhora Linde.

NORA Agradeço-lhe, mas você pode despedir outro empregado em vez de Krogstad.

HELMER Isso é uma teimosia que excede todos os limites! Só por ter feito uma promessa irrefletida... você queria que...

NORA Não é por isso, Torvald... É por você. Você mesmo disse que esse homem escreve na mais baixa imprensa... Quanto mal ele não pode lhe fazer!... Estou simplesmente morta de medo dele..

HELMER Oh! compreendo; são antigas reminiscências que a assustam.

NORA O que você quer dizer?

HELMER É evidente que você lembrou-se de seu pai.

NORA Lembrei-me, é claro. Você se recorda de tudo quanto essa gente infame escreveu sobre papai nos jornais... e todas as calúnias que lhe impingiram. Creio que o teriam demitido se o ministério não tivesse enviado você para proceder à sindicância e se você não tivesse se mostrado tão bem intencionado e pronto para ajudar-lhe.

HELMER Minha pequena Nora, há uma grande diferença entre mim e seu pai. Seu pai não era um funcionário inatacável. E eu sou e espero continuar a sê-lo enquanto conservar a minha posição.

NORA Ah! Você não pode imaginar o que as más línguas podem inventar. Poderíamos viver tão bem, tão tranqüilos, tão felizes, no nosso doce ninho, você, eu e os nossos filhinhos! É por isso que eu suplico ardentemente...

HELMER Mas é exatamente pedindo por ele que você torna impossível conservá-lo. No banco já se sabe que devo despedir Krogstad. Se agora viessem a saber que o novo diretor mudou de idéia por influência da mulher...

NORA Que mal haveria?...

HELMER Nenhum, é claro – contanto que prevaleça a opinião de uma mulherzinha obstinada! Não é assim? Realmente, você crê que eu vá me tornar ridículo perante todo o pessoal?... Demonstrar que dependo de toda espécie de influências estranhas? Pode estar certa de que breve sentiria as conseqüências disso. E há ainda uma outra razão que impossibilita a permanência de Krogstad no banco enquanto eu for o diretor.

NORA Qual é?

HELMER Talvez em caso de necessidade eu não desse tanta importância à sua falha moral.

NORA Você não poderia fazer isso, Torvald?

HELMER Tanto mais que me afiançaram ser um bom empregado.É, porém, um antigo conhecido. Um desses conhecimen-

tos dos tempos de rapaz, contraídos levianamente, e que mais tarde nos pesam na existência. Enfim, tratamo-nos por você. E ele é um indivíduo tão desprovido de tato que nem sequer muda esse tratamento na presença de outras pessoas. Julga-se até no direito de usar um tom familiar comigo, e a cada instante diz: você, Helmer, isso aqui, você, Helmer, aquilo lá... Juro que tal procedimento me desagrada ao extremo. Acabaria por tornar intolerável a minha situação no banco.

NORA Você não acredita em uma palavra do que está dizendo, Torvald.

HELMER Acredito, sim. E por que não hei de acreditar?

NORA Porque seria um motivo mesquinho.

HELMER O quê? mesquinho?! Você me acha mesquinho?!!

NORA Não, pelo contrário, meu querido Torvald; e é por isso mesmo...

HELMER Tanto faz. Você diz que as minhas razões são mesquinhas, nesse caso é porque eu também o sou. Mesquinho?! Com efeito!... é preciso acabar com isso. *(Dirige-se à porta da saleta e grita)* Helena!

NORA O que você vai fazer?

HELMER *(remexendo entre os papéis)* Tomar uma decisão.

A criada entra

HELMER Olhe, esta carta é para ser entregue imediatamente. Arranje um mensageiro para levá-la ao destinatário. Mas depressa. O endereço está aí. Tome o dinheiro.

A CRIADA Está bem, meu senhor. *(Sai, levando a carta)*

HELMER *(juntando os papéis)* Pronto, minha mulherzinha teimosa!

NORA *(com a voz estrangulada)* Torvald, para quem é aquela carta?

HELMER Para Krogstad, despedindo-o.

NORA Não a deixe ir, Torvald! Ainda é tempo! Chame-a, Torvald! Faça isso por mim... por você próprio, pelos seus filhos! Atenda-me, Torvald... não deixe... você nem sabe o que aquela carta pode causar a todos nós...

HELMER É muito tarde.

NORA Sim... é muito tarde.

HELMER Querida Nora, perdôo-lhe essa angústia, apesar de que no fundo ela seja para mim uma ofensa. Sim, é uma ofensa. Que outra coisa será julgar-me temeroso da vingança de um escrevinhador miserável? No entanto perdôo-a, porque isso é uma prova do grande amor que você me dedica. *(Toma-a nos braços)* É preciso, minha adorada Nora. Aconteça o que acontecer. Nos momentos graves você verá que tenho força e coragem e saberei chamar a mim todas as responsabilidades.

NORA *(apavorada)* O que você quer dizer?

HELMER Responsabilizo-me por tudo, já disse.

NORA *(recompondo-se)* Nunca, nunca você fará isso!

HELMER Bem; então as partilharemos, Nora... como marido e mulher. Como se deve. *(Afagando-a)* Você está satisfeita, agora? Vamos, nada de olhos de pombinha assustada. Tudo isso são puras fantasias. Vá ensaiar a tarantela e exercitar-se com o tamborim. Eu vou me encerrar no escritório do fundo, fechando a porta intermediária, assim nada ouvirei. Você pode fazer o ruído que quiser, *(vira-se da porta)* e quando Rank chegar, diga-lhe onde estou. *(Faz-lhe um aceno com a cabeça, entra no escritório, levando consigo os papéis, e fecha a porta)*

NORA *(semi-morta de angústia, fica como pregada ao chão e murmura)* Ele é capaz de fazer isso. E o fará, apesar de tudo. Ah, nunca, isso nunca! Qualquer coisa menos isso! Alguma fuga... um caminho salvador...

Toque de campainha

O doutor Rank!... prefiro qualquer outra coisa! Tanto faz!*(Passa a mão pela fronte, procurando se acalmar, e vai abrir a porta de entrada.)*

Vê-se o doutor Rank pendurando o casaco. Devagar vai caindo o crepúsculo, durante a cena seguinte

NORA Boa tarde, doutor Rank. Reconheci-o pelo toque da campainha. Mas não entre agora no escritório de Torvald; parece-me que ele está trabalhando.

RANK E a senhora?

NORA *(entra na sala e fecha a porta)* Ah, bem sabe que... para o senhor sempre disponho de um momento.

RANK Obrigado. Vou aproveitar essa gentileza o máximo do tempo que me resta.

NORA Que quer dizer com "o máximo do tempo que me resta"?

RANK Isso a assusta?

NORA É uma expressão inabitual. Está acontecendo alguma coisa?

RANK Sim... algo que há muito eu previa. O que não imaginava é que chegasse tão cedo.

NORA *(apertando-lhe o braço)* O que foi? O que lhe disseram? O senhor precisa me contar, doutor.

RANK *(sentando-se junto da estufa)* Cheguei ao fim da jornada. Nada há a fazer.

NORA *(aliviada)* Trata-se do senhor?...

RANK De quem havia de ser? Para que hei de mentir a mim mesmo? Sou o mais desditoso de todos os meus pacientes, minha senhora... nestes últimos dias tenho me dedicado ao exame geral do meu estado. É a falência. Antes de um mês, talvez, eu esteja apodrecendo no cemitério.

NORA Ah, não! É horrível falar assim!

RANK É que o caso também é diabólicamente horrível. O pior, todavia, são todos os horrores que haverão de precedê-lo. Só me falta um exame. Tão logo o faça, saberei mais ou menos quando começa a derrocada. Por isso quero lhe dizer uma coisa: Helmer, com o seu delicado temperamento, tem pronunciada aversão por tudo quanto é feio. Não o quero à minha cabeceira.

NORA Ah, mas, doutor Rank!

RANK Não o quero lá. Sob nenhum pretexto. Fecho-lhe a porta. Logo que tiver a certeza do pior, vou enviar-lhe um cartão de visita marcado com uma cruz preta: ficará sabendo que começou o horror da desintegração.

NORA Hoje o senhor está de fato insuportável. E eu que desejava tanto que estivesse de bom humor.

RANK Com a morte diante dos olhos!... e pagando pelo pecado de outra pessoa! Será isso justo? E pensar que de um modo ou de outro em todas as famílias existe uma desforra implacável desse tipo!

NORA *(tapando os ouvidos)* Pss! Ânimo, ânimo!

RANK De fato, o caso é motivo para piada. Minha coluna. pobre inocente, tem de pagar pela vida alegre que o meu pai levou quando era um jovem militar.

NORA *(ao pé da mesa à esquerda)* Era excessivo apreciador de aspargos e de *foie gras,* não é verdade?

RANK Era; e de trufas.

NORA Ah! sim, de trufas; e de ostras também?

RANK Sim, de ostras, de ostras; é evidente.

NORA E tudo regado com vinho do Porto e champanhe... é pena que todas essas boas coisas afetem a coluna.

RANK Mormente quando afetam uma desditosa coluna que nunca as saboreou.

NORA Sim! É esse o aspecto mais triste do caso!

RANK *(observando-a atento)* Hum!...

NORA *(após um momento de silêncio)* Por que sorri?

RANK A senhora é que sorriu.

NORA Não, doutor, afirmo-lhe que foi o senhor.

RANK *(erguendo-se)* É mais esperta do que eu supunha.

NORA Hoje estou tão disposta a dizer loucuras!

RANK Bem se vê.

NORA *(pousando ambas as mãos nos ombros de Rank)* Querido, querido doutor Rank, não quero que morra, não quero que nos deixe, a mim e a Torvald!

RANK Depressa se consolarão dessa ausência. Quem parte, é logo esquecido.

NORA *(olhando-o, inquieta)* Acha que é assim?

RANK Criam-se novas relações e depois...

NORA Quem é que cria novas relações?

RANK A senhora e Helmer, ambos o farão depois de eu desaparecer. Parece-me que a senhora já começou a fazê-las. Por que a senhora Linde veio aqui ontem à noite?

NORA Ah!... não vá agora ter ciúmes da pobre Kristina.

RANK Tenho, sim senhora. Ela ocupará o meu lugar nesta casa. Quando eu me for, talvez essa senhora...

NORA Pss! Não fale tão alto. Ela está aqui ao lado.

RANK Hoje também? Está vendo?

NORA Foi só para consertar a minha fantasia. Ah, meu Deus, hoje o senhor está de tão mau gosto! *(Sentando-se no sofá)* É preciso ser razoável, doutor Rank. Amanhã verá como vou dançar graciosamente, e pode pensar que só em sua honra... e na de Torvald, é claro. *(Tira várias coisas da caixa de papelão)* Doutor Rank, sente-se aqui, quero mostrar-lhe algo.

RANK *(sentando-se)* Então, o que é?

NORA Primeiro veja... olhe!

RANK Meias de seda!

NORA Cor da pele. Não são bonitas? Agora já está escurecendo, mas amanhã... não, não, não; só se deve ver a parte dos pés. Está bem, pode ver mais acima...

RANK Hum!...

NORA Por que o senhor tem esse ar de crítica? Acha que não me ficarão bem?

RANK Acho que não posso lhe dar opinião sobre isso.

NORA *(olhando-o um instante)* Ah, o senhor devia se envergonhar disso. *(Fustigando-lhe de leve a orelha com as meias)* O que o senhor merece... *(Guarda-as outra vez na caixa)*

RANK Que maravilhas falta-me ainda ver?

NORA Nada mais há de ver, já que é tão indecoroso. *(Remexe nos objetos, cantarolando)*

RANK *(após um curto silêncio)* Quando aqui me encontro com a senhora, tão familiarmente, não posso conceber... sim, não posso conceber, o que teria sido de mim se não freqüentasse essa casa.

NORA *(sorrindo)* Acho que realmente o senhor se sente em casa conosco.

RANK *(baixando a voz e olhando fixamente à sua frente)* E ter de deixar tudo isso...

NORA Bobagem. Não vai deixar.

RANK *(como acima)* E não poder deixar o menor sinal de agradecimento... somente uma saudade passageira... nada mais que um lugar vago que poderá ser ocupado pelo primeiro que aparecer.

NORA E se eu lhe pedisse...? Não...?

RANK Se me pedisse o quê?

NORA Uma grande prova da sua afeição.

RANK Sim, então?

NORA Ou melhor, um favor grande demais.

RANK Quer me tornar feliz, uma vez pelo menos?

NORA Quero; mas nem sequer sabe do que se trata.

RANK Vamos, diga.

NORA Não, não posso, doutor Rank; é algo realmente enorme. Não é apenas um conselho ou uma ajuda; é realmente um grande favor.

RANK Quanto maior, melhor. Não imagino o que possa ser; mas diga. Não confia em mim?

NORA Como em mais ninguém. O senhor é meu melhor e mais fiel amigo, bem o sei. E é por isso que lhe vou dizer tudo. Pois bem: há uma coisa que me deve ajudar a evitar, doutor. Bem, sabe como Torvald me quer; nem por um instante ele hesitaria em dar a vida por mim.

RANK *(curvando-se para ela)* Nora... julga que apenas ele o faria?

NORA *(com um pequeno movimento de recuo)* O quê?...

RANK Que ele é o único que daria a vida pela senhora?

NORA *(triste)* Realmente?

RANK Jurei a mim mesmo confessar-lhe isso antes de desaparecer. Não poderia achar melhor ocasião. Sim, Nora, agora já sabe. Equivale a dizer que pode confiar em mim como em mais ninguém.

NORA *(erguendo-se, simples e tranquilamente)* Com licença.

RANK *(afasta-se para ela passar, mas conserva-se sentado)* Nora!

NORA *(à porta da entrada)* Helena, traga a luz! *(Encaminhando-se para a estufa)* Oh! caro doutor Rank, o que o senhor fez foi horrível.

RANK *(levanta-se)* Amá-la mais profundamente que qualquer um... isso é horrível?

NORA Não; mas me dizer, sim. Não havia nenhuma necessidade de fazer isso.

RANK O que quer dizer? Que já o sabia...?

A criada entra com a lamparina, coloca-a sobre a mesa, e sai

RANK Nora... senhora Helmer... pergunto-lhe se já sabia...?

NORA Ah, o que vou dizer? Na verdade, não tinha idéia do que sabia ou não. Ah, doutor Rank, como pôde ser tão desastrado! Tudo corria tão bem...

RANK Pelo menos, agora tem certeza de que estou à sua disposição, de corpo e alma. Diga-me, então.

NORA *(olhando-o)* Depois do que aconteceu?

RANK Por favor, conte-me o que é.

NORA Acabou-se! O senhor nada saberá.

RANK Oh! Não me castigue assim. Permita-me que eu faça pela senhora tudo o que é possível fazer.

NORA Agora já não pode fazer mais nada em meu favor... Além do mais, eu certamente não irei precisar de ajuda. O senhor verá; isso não passa de pura fantasia, nada mais. É claro! *(Senta-se na cadeira de balanço e contempla-o*

sorrindo) É verdade, o senhor é um cavalheiro muito amável, doutor Rank. Não se envergonha agora, com a luz acesa? diga...

RANK Para dizer a verdade, não. Mas talvez deva me retirar... para sempre?

NORA De modo algum. Virá naturalmente, como até agora. Bem sabe que Torvald não pode passar sem o senhor.

RANK Sim, e a senhora?

NORA Eu? Sinto-me muito alegre quando o senhor está aqui.

RANK Foi isso exatamente que me levou à pista falsa. A senhora é um enigma para mim. Quantas vezes me pareceu vê-la tão alegre junto de mim como ao lado de Helmer.

NORA Aí está; há pessoas que amamos e pessoas cuja companhia nos agrada.

RANK Tem algo de verdade nisso.

NORA Quando eu era solteira, naturalmente amava meu pai acima de tudo; mas o meu maior prazer era ir escondida ao quarto das criadas; lá nunca me faziam sermão, e contavam-se sempre histórias tão divertidas!

RANK Ah! Foi então a elas que substitui.

NORA *(erguendo-se vivamente e correndo para ele)* Meu caro doutor Rank, não foi isso que quis dizer. Pode, no entanto, compreender que sucede com Torvald o mesmo que sucedia com meu pai.

Criada vindo da saleta

A CRIADA Minha senhora! *(Fala-lhe ao ouvido e apresenta-lhe um cartão)*

NORA *(olhando para o bilhete)* Ah! *(Guarda-o na algibeira)*

RANK Alguma contrariedade?

NORA De modo algum; é a minha nova roupa.

RANK Como pode ser isso? Sua roupa está ali.

NORA Sim, aquele; mas tenho outro, que eu encomendei... Torvald não deve saber disso.

RANK Ah! é esse então o grande segredo.

NORA Pois é; vá depressa para junto dele. Está no escritório do fundo; não o deixe vir aqui...

RANK Pode ficar sossegada, não vai escapar de mim. *(Entra no escritório de Helmer)*

NORA *(à criada)* Ele está esperando na cozinha?

A CRIADA Está; subiu pela escada de serviço.

NORA Não lhe disse que eu estava com uma visita?

A CRIADA Disse sim, minha senhora; mas foi o mesmo que nada.

NORA Não quis se retirar?

A CRIADA Não, minha senhora; disse que não vai embora sem falar com a senhora.

NORA Pois bem, mande-o entrar; mas sem ruído, Helena, e não diga a ninguém. É uma surpresa para meu marido.

A CRIADA Sim, minha senhora, compreendo... *(Sai)*

NORA Oh, isso é medonho... está para acontecer. Não, não, não! Não pode ser! Não deve acontecer! *(Dirige-se à porta de Helmer e puxa a trava)*

A criada introduz Krogstad e fecha a porta. Ele apresenta-se de casaco de viagem, longas botas e gorro de pele

NORA *(caminhando para ele)* Fale baixo, meu marido está em casa.

KROGSTAD E daí?

NORA O que o senhor quer?

KROGSTAD Um esclarecimento.

NORA Diga depressa. O que é?

KROGSTAD Sabe muito bem que fui despedido.

NORA Não o pude evitar, senhor Krogstad. Lutei por sua causa até o fim, mas nada consegui.

KROGSTAD Pouco amor lhe tem o seu marido! Sabe o que pode acontecer, e apesar disso ousa...

NORA Como o senhor pode crer que ele o saiba?

KROGSTAD De fato, nunca pensei isso. Não condiria nada com o nosso digno Torvald Helmer mostrar tanta coragem.

NORA Senhor Krogstad, exijo que respeite o meu marido.

KROGSTAD Claro. Trato-o com todo o respeito que ele merece. Mas, visto que a senhora põe tanto empenho em ocultar de seu marido esse caso, permita-me supor que está melhor informada sobre a gravidade do ato que cometeu.

NORA Muito melhor informada do que o seria pelo senhor.

KROGSTAD Não admira, um tão péssimo jurista como eu...

NORA O que quer de mim?

KROGSTAD Nada. Apenas ver como passa. Pensei na senhora todo o dia. Até mesmo eu, um agiota, um escrevinhador... em suma, um indivíduo como eu, não deixo de ter um pouco do que se chama "sentimento", sabe?

NORA Prove-o; pense nos meus filhinhos.

KROGSTAD E a senhora ou o seu marido pensaram nos meus? Mas, pouco importa. Somente lhe quero dizer que não leve o caso tanto para o lado trágico. Por enquanto não apresentarei queixa contra a senhora.

NORA Não apresentará? Eu tinha certeza disso.

KROGSTAD Pode-se muito bem resolver esse assunto amigavelmente. Não é necessário torná-lo público. Ele pode ficar entre nós três.

NORA Meu marido não deve saber de nada.

KROGSTAD Como quer a senhora impedir que ele o saiba? Acaso pode saldar o seu débito?

NORA Já, já, não.

KROGSTAD Encontrou meio de obter o dinheiro por esses dias?

NORA Não. A minha tentativa falhou...

KROGSTAD De nada lhe serviria, aliás. A senhora poderia me oferecer uma soma fabulosa que eu não lhe restituiria a sua promissória.

NORA Explique-me então como tenciona servir-se dela.

KROGSTAD Quero simplesmente conservá-la, tê-la em meu poder. Nenhum estranho terá conhecimento dela.Assim,se a senhora está pensando em alguma resolução desesperada...

NORA Pensei.

KROGSTAD ... ou em abandonar tudo e fugir...

NORA Também pensei.

KROGSTAD ... ou ainda em qualquer coisa pior...

NORA Como o senhor sabe isso?

KROGSTAD ... desista dessas idéias.

NORA Como o senhor sabe que eu pensei *naquilo?*

KROGSTAD No começo essa idéia passa pela cabeça de quase todo mundo. Eu também pensei nisso, mas faltou-me a coragem.

NORA *(com voz surda)* Também a mim!

KROGSTAD *(aliviado)* Não é verdade? À senhora também, lhe falta a coragem?

NORA Também.

KROGSTAD E, afinal, isso seria uma estupidez. Uma vez passada a primeira tormenta conjugal... Tenho aqui no bolso uma carta para o seu marido...

NORA Onde lhe diz tudo?

KROGSTAD Com expressões tão atenuadas quanto possível.

NORA *(vivamente)* Ele não deve ler esta carta. Rasgue-a. Arranjarei o dinheiro.

KROGSTAD Desculpe, minha senhora, mas acho que já lhe disse há pouco...

NORA Oh! não falo do dinheiro que lhe devo. Diga-me quanto exige do meu marido, e eu lhe darei essa quantia.

KROGSTAD Eu não exijo dinheiro de seu marido.

NORA O que exige, então?

KROGSTAD Dir-lhe-ei, minha senhora. Eu quero subir, quero chegar a ser alguém; e para isso seu marido tem de me auxiliar. Durante ano e meio não cometi nenhuma desonestidade; durante todo esse tempo debati-me nas mais miseráveis dificuldades. Sentia-me contente de subir de novo, passo a passo. Agora sou expulso por eles, e já não me basta cair de novo nas suas graças. Quero chegar a ser alguém, já lhe disse. Quero voltar para o banco... em melhores condições que antes; seu marido tem de arrumar um lugar para mim.

NORA Ele nunca fará isso.

KROGSTAD Há de fazê-lo; conheço-o... nem pestanejará. E depois de eu lá estar, vai ver. Antes de um ano serei o braço direito do diretor-geral. Será Nils Krogstad, e não Torvald Helmer quem dirigirá o banco.

NORA Eis uma coisa que nunca há de acontecer.

KROGSTAD Prefere talvez...

NORA Agora sinto-me com coragem.

KROGSTAD Ah, isso não chega a me assustar. Uma dama delicada e mimada como a senhora...

NORA Verá, verá!

KROGSTAD Sob o gelo, talvez? No fundo das águas negras e frias? E na primavera reaparecer à superfície, desfigurada, com os cabelos em desalinho?

NORA Não consegue me atemorizar.

KROGSTAD Nem a senhora a mim. Essas coisas não se fazem, minha senhora. E para que serviria isso? Helmer continuaria da mesma forma nas minhas mãos.

NORA Mesmo quando eu já não existisse?

KROGSTAD Esquece que a sua lembrança estará nas minhas mãos?

NORA *(olhando-o, em silêncio)*

KROGSTAD Bom, está prevenida. Nada de tolices! Quando Helmer receber a minha carta, espero a sua mensagem. E lembre-se de que foi o seu marido quem me obrigou a proceder assim. Jamais lhe perdoarei isso. Adeus, minha senhora. *(Sai em direção à saleta)*

NORA *(entreabrindo com precaução a porta da saleta e apurando o ouvido)* Retirou-se. Não vai pôr a carta na caixa. Não, não, é impossível. *(Abre a porta pouco a pouco)* O que é isso? Deteve-se. Estará em dúvida?... *(Ouve-se cair uma carta na caixa do correio, depois os passos de Krogstad, cujo ruído vai desaparecendo à medida que ele desce a escada. Nora reprime um grito e atravessa a cena correndo até a mesa colocada junto ao divã. Um momento de silêncio)* Ele a pôs na caixa! *(Dirige-se pé-ante-pé à porta da saleta)* Está lá!... Torvald, Torvald, agora estamos perdidos!

SENHORA LINDE *(entra pela esquerda, trazendo a fantasia)* Foi o que pude fazer. Você quer prová-la?

NORA *(baixa, com a voz estrangulada)* Kristina, chegue aqui.

SENHORA LINDE *(atirando a roupa para cima do sofá)* O que você tem? Está desfigurada.

NORA Venha cá. Está vendo aquela carta? Ali na fenda da caixa atrás do vidro?

SENHORA LINDE Sim, vejo.

NORA Aquela carta é de Krogstad.

SENHORA LINDE Nora!... Foi Krogstad quem lhe emprestou o dinheiro?

NORA E agora Torvald vai saber de tudo.

SENHORA LINDE Acredite, Nora; é o melhor para ambos.

NORA Mas você não sabe de tudo; falsifiquei uma assinatura.

SENHORA LINDE Céus!... O que você está dizendo?

NORA Pois bem... ouça uma coisa, Kristina! Ouça o que lhe digo: preciso que você me sirva de testemunha.

SENHORA LINDE Testemunha de quê? Diga.

NORA Se eu enlouquecer... o que pode muito bem acontecer...

SENHORA LINDE Nora!

NORA Ou se me acontecer qualquer coisa... e eu não estiver aqui para...

SENHORA LINDE Nora, Nora, você está delirando!

NORA Se houvesse então alguém que quisesse assumir toda a responsabilidade do meu ato... sim... você compreende...

SENHORA LINDE Sim, mas como você pode acreditar que...?

NORA Nesse caso você deve testemunhar que é falso, Kristina. Não perdi a cabeça; estou no meu juízo perfeito e digo-lhe: ninguém soube disso; fiz tudo sozinha, só eu. Lembre-se disso.

SENHORA LINDE Está bem, vou me lembrar. Mas não compreendo.

NORA E como poderia compreender?... O que vai acontecer é um milagre.

SENHORA LINDE Um milagre?

NORA Sim, um milagre. Mas será tão terrível, Kristina, que não pode acontecer. De modo algum.

SENHORA LINDE Vou já falar com Krogstad.

NORA Não vá à sua casa. Ele poderá maltratá-la.

SENHORA LINDE Houve um tempo em que faria o impossível para me agradar.

NORA Ele?

SENHORA LINDE Onde é que mora?

NORA Sei lá!... Ah, sim. *(Remexe no bolso)* Está aqui o bilhete dele. Mas a carta, a carta!

HELMER *(do gabinete, bate na porta de comunicação)* Nora!

NORA *(com um grito de angústia)* O que é? O que você quer?

HELMER Está certo. Não precisa se alarmar, não vamos entrar; você trancou a porta, está provando...

NORA Estou, estou provando a roupa. Vou ficar tão linda, Torvald!

SENHORA LINDE *(depois de olhar para o bilhete)* Mora aqui perto, depois da esquina.

NORA Sim, mas de que serve isso? Estamos perdidos. A carta está lá.

SENHORA LINDE E seu marido é que tem a chave?

NORA Sempre.

SENHORA LINDE Krogstad pode reclamar a carta antes de ser lida. Pode fazê-lo sob um pretexto qualquer.

NORA Mas é exatamente a hora em que Torvald costuma...

SENHORA LINDE Entretenha-o. Vá para junto dele. Eu venho o mais depressa possível. *(Sai rapidamente pela porta da saleta)*

NORA *(aproxima-se da porta de Helmer, abre-a, e olhando)* Torvald...

HELMER *(do escritório do fundo)* Bom; posso entrar novamente em minha própria sala. Venha, Rank, vamos ver... *(Aparecendo)* Mas, que quer dizer isso?

NORA O quê, querido Torvald?

HELMER Rank preparou-me para uma grande cena em traje napolitano...

RANK *(aparecendo)* Foi o que entendi; parece que me enganei.

NORA Decerto; ninguém me verá no meu esplendor senão amanhã.

HELMER Mas, minha querida Nora, que aspecto tão fatigado! Você esteve ensaiando?

NORA Não; nem uma só vez.

HELMER Pois é preciso.

NORA Sim, Torvald; é preciso. Mas não quero dar um único passo sem você. Esqueci tudo.

HELMER Ah, logo vamos dar um jeito nisso.

NORA Sim, por favor me ajude, Torvald! Promete? Sinto-me inquieta. Aquela gente para quem nos apresentaremos... Esta noite acabaram-se os negócios, não mais tocará na pena. Sim? Será assim, meu Torvald querido?

HELMER Prometo-lhe. Esta noite estou inteiramente à sua disposição... minha pobre criatura desamparada. Ah, é verdade, primeiro quero ver uma coisa. *(Dirige-se para a porta da saleta)*

NORA O que você vai fazer?

HELMER Apenas ver se chegaram cartas.

NORA Não, Torvald, não faça isso.

HELMER Porquê?

NORA Porque peço-lhe, Torvald... Está vazia.

HELMER Deixe-me ver. *(Faz um movimento para a porta)*

NORA *(ao piano, toca os primeiros compassos da tarantela)*

HELMER *(pára na porta)* Ah!

NORA Não poderei dançar amanhã, se hoje não ensaiar com você.

HELMER *(dirigindo-se para ela)* Mas você tem tanto medo assim, cara Nora?

NORA Ah, um medo terrível. Deixe-me ensaiar já; ainda temos tempo antes do jantar. Sente-se aqui, querido Torvald, e toque para mim. Corrija-me, aconselha-me, como você costuma fazer.

HELMER Com prazer, com muito prazer, se você assim o deseja. *(Senta-se ao piano)*

NORA *(abre uma caixa, tira de dentro um tamborim e um xale matizado; envolve-se nele rapidamente e de um salto coloca-se no meio da sala, exclamando)* Pronto! Toque! Quero dançar.

Helmer toca, Nora dança e Rank conserva-se por detrás de Helmer, seguindo-a com a vista

HELMER *(tocando)* Mais devagar, mais devagar.

NORA Só sei fazê-lo dessa forma.

HELMER Menos entusiasmo, Nora!

NORA É exatamente o que é preciso.

HELMER *(pára de tocar)* Não, não... assim não está bom.

NORA *(rindo e agitando o tamborim)* Que dizia eu?

RANK Deixe-me sentar ao piano.

HELMER *(erguendo-se)* Sim, acompanhe; assim posso dirigi-la melhor.

Rank senta-se ao piano e toca. Nora executa uma dança cada vez mais arrebatada. Parece não ouvir as observações que de quando em quando lhe faz Helmer, junto da estufa. Seus cabelos se desprendem e espalham-se pelos ombros. Ela não dá por isso e continua a dançar

Entra a senhora Linde

SENHORA LINDE *(detendo-se petrificada junto à porta)* Ah!

NORA *(no meio da dança)* Ah, Kristina, isso está muito divertido.

HELMER Mas, minha querida Nora, você dança como se nisso empenhasse a vida.

NORA E é isso mesmo.

HELMER Pare, Rank. Isso é um delírio. Pare, já lhe disse. *(Rank pára de tocar,* e *Nora estaca subitamente)*

HELMER *(a Nora)* Eu nunca pensei. Você esqueceu tudo o que lhe ensinei.

NORA *(atirando o tamborim para longe)* Está vendo?

HELMER É preciso muito ensaio.

NORA Sim. Agora você vê de quanta atenção eu preciso. Você tem que me ensinar até o último minuto. Você me promete, Torvald?

HELMER Pode contar com isso.

NORA Nem hoje nem amanhã você deve ter outro pensamento que não seja para mim; não deve abrir cartas... nem caixa de correspondência...

HELMER Bem! Ainda tem receio daquele homem!

NORA Sim, sim. Também isso.

HELMER Nora, leio-o no seu semblante; com certeza está ali dentro uma carta dele.

NORA Pode ser, não sei. Em todo caso não quero agora essas leituras. Nem uma nuvem deve se interpor entre nós antes de tudo isso acabar.

RANK *(em voz baixa, a Helmer)* Não a contrarie.

HELMER *(rodeando-lhe a cintura com o braço)* Bem, criança, faça-se a sua vontade. Mas amanhã à noite, depois do baile...

NORA Você estará livre.

A CRIADA *(aparecendo á porta da direita)* O jantar está na mesa.

NORA Sirva champanhe, Helena.

A CRIADA Sim, minha senhora. (Sai)

HELMER Ora, ora, temos um banquete, ao que parece!

NORA Ceia com champanhe, que vai durar até amanhã... *(gritando à criada)* e bolinhos de amêndoas, Helena; muitos. Só uma vez na vida.

HELMER *(segurando-lhe as mãos)* Ora, ora, ora. Não se deixe arrebatar tanto. Acalme-se. Volte a ser a minha cotoviazinha.

NORA Sim, Torvald, sim. Mas vá para a sala de jantar, e o senhor também, doutor Rank. Você, Kristina, ajude-me a prender o cabelo.

RANK *(em voz baixa, passando à sala de jantar)* Então não existe nada para se preocupar?

HELMER Absolutamente, meu caro. É apenas aquela agitação pueril de que lhe falei. *(Saem pela direita)*

NORA Então?

SENHORA LINDE Foi para o campo.

NORA Percebi isso na sua fisionomia, quando você entrou.

SENHORA LINDE Regressa amanhã à noite; deixei-lhe um bilhete.

NORA Ah, antes você tivesse deixado as coisas correrem.... não devia ter tentado deter seu curso. No fundo é maravilhoso esperar pelo milagre.

SENHORA LINDE O que você está esperando?

NORA Ah, não compreenderia. Junte-se a eles; vou já.

A senhora Linde se dirige à sala de jantar

(Permanece imóvel uns instantes a fim de se recuperar, enquanto isso, consulta seu relógio) São cinco horas. Daqui até a meia-noite faltam sete. Depois vinte e quatro

horas até a outra meia-noite! Então estará terminada a tarantela. Vinte e quatro mais sete? Tenho trinta e uma horas de vida.

HELMER *(à porta da direita)* Mas o que foi feito da minha cotovia?

NORA *(lançando-se em seus braços)* Ei-la aqui.

TERCEIRO ATO

A mesma cena. A mesa que estava ao lado do divã, assim como as cadeiras, foram transportadas para o centro da sala. A lámpada na mesa está acesa. A porta da saleta está aberta. Do andar de cima chegam à cena os sons de música de dança. A senhora Linde, sentada à mesa, folheia distraidamente um livro. Esforça-se para ler, mas vê-se que não consegue se concentrar. De tempos em tempos lança um olhar para a porta de entrada, e escuta, atenta

SENHORA LINDE *(vendo o relógio)* Está demorando. Já não há muito tempo. Espero que ele... *(torna a escutar)* Ah! aí vem ele. *(Sai para a saleta e abre de mansinho a porta de entrada; ouvem-se na escada passos cautelosos. Ela sussurra)* Entre, estou sozinha.

KROGSTAD Recebi um bilhete da senhora. Que significa isso?

SENHORA LINDE Preciso muito falar-lhe.

KROGSTAD Verdade? E tem de ser aqui, nesta casa?

SENHORA LINDE Em minha casa não podia recebê-lo; meu quarto não tem entrada independente. Venha, estamos sós: a criada está dormindo, e os Helmer foram para o baile no andar de cima.

KROGSTAD *(entrando)* O que ouço?! Os Helmer em um baile, esta noite?! Verdade?

SENHORA LINDE Sim. E por que não?

KROGSTAD De fato. E por que não?

SENHORA LINDE Krogstad, precisamos conversar.

KROGSTAD Acaso ainda temos alguma coisa a nos dizer?

SENHORA LINDE Temos, e muito.

KROGSTAD Não imaginava.

SENHORA LINDE É que o senhor nunca me compreendeu bem.

KROGSTAD Não era difícil compreendê-la; casos desses vê-em-se todos os dias: uma mulher sem coração recusa um homem quando aparece um partido mais vantajoso.

SENHORA LINDE Então o senhor crê que eu não tenha coração? E crê também que o rompimento foi fácil para mim?

KROGSTAD E não foi?

SENHORA LINDE Krogstad, realmente pensa isso?

KROGSTAD Se assim não fosse, como a senhora poderia escrever o que escreveu?

SENHORA LINDE E não poderia proceder de outra forma. Querendo romper, o meu dever era arrancar do seu coração tudo quanto o senhor sentia por mim.

KROGSTA *(esfregando as mãos)* Foi isso então? Tudo o que a senhora fez foi só pelo dinheiro?

SENHORA LINDE Lembre-se que eu tinha de sustentar minha mãe e dois irmãozinhos. Não podíamos esperá-lo, o senhor nessa época estava sem perspectiva de melhoria.

KROGSTAD Admitamos isso; em todo caso a senhora não tinha o direito de me repelir para aceitar outro.

SENHORA LINDE Não sei. Muitas vezes perguntei isso a mim mesma.

KROGSTAD *(mais suavemente)* Quando a perdi, foi como se o chão me faltasse debaixo dos pés. Olhe para mim: sou um náufrago agarrado aos destroços da embarcação.

SENHORA LINDE Talvez a salvação esteja por perto.

KROGSTAD Estava, até a senhora chegar e se pôr no meu caminho!

SENHORA LINDE Eu não sabia, Krogstad. Só hoje tive conhecimento de que era ao senhor que ia substituir no banco.

KROGSTAD Acredito. Mas agora que o sabe, não renuncia a esse lugar?

SENHORA LINDE Não, pois isso de nada lhe valeria.

KROGSTAD Ora essa!... Eu, no caso da senhora, renunciaria, apesar disso!

SENHORA LINDE Aprendi a proceder com sensatez. A vida e a amarga necessidade me ensinaram.

KROGSTAD E a mim, a vida ensinou-me a não me fiar em frases feitas.

SENHORA LINDE Nisso ela lhe deu uma lição sábia. No entanto, as ações merecem a sua confiança, não é verdade?

KROGSTAD Que quer dizer?

SENHORA LINDE O senhor disse há pouco ser um náufrago agarrado a um destroço.

KROGSTAD Tenho bons motivos para falar assim.

SENHORA LINDE Também eu sou, como o senhor, uma náufraga; não tenho ninguém que necessite de mim.

KROGSTAD Foi a senhora quem optou por isso.

SENHORA LINDE Não havia outra opção.

KROGSTAD Onde quer chegar?

SENHORA LINDE Krogstad... que tal se nós, os náufragos, pudéssemos juntar nossas forças?

KROGSTAD Como?

SENHORA LINDE Dois no mesmo barco é melhor do que cada um lutando por seu lado.

KROGSTAD Kristina!

SENHORA LINDE Por que pensa que eu tenha vindo para cá?

KROGSTAD Por minha causa, talvez?

SENHORA LINDE Preciso de trabalhar para sobreviver. Que me lembre, todos os dias da minha vida transcorreram no trabalho. Tem sido a minha maior e única alegria. Mas agora que estou só no mundo sinto uma solidão, um vácuo medonho. Não há alegria no trabalho quando ele serve apenas a nós mesmos. Vamos, Krogstad, deixe-me possuir algo – e alguém – por que trabalhar.

KROGSTAD Não me convence; isso não passa de um senso exacerbado de nobreza, próprio de mulher, que se sacrifica à toa.

SENHORA LINDE Uma única vez o senhor percebeu algum exagero em mim?

KROGSTAD A senhora quer realmente fazer isso? Conhece o meu passado?

SENHORA LINDE Conheço.

KROGSTAD Não ignora a minha reputação e o que se diz de mim?...

SENHORA LINDE Se compreendi o que disse ainda há pouco, parece-me que eu poderia tê-lo redimido.

KROGSTAD Tenho certeza.

SENHORA LINDE E isso não seria possível agora?

KROGSTAD Kristina! A senhora refletiu bem sobre o que disse? Refletiu... bem vejo... Teria, pois coragem...?

SENHORA LINDE Preciso de alguém para quem eu possa ser mãe, e seus filhos precisam de mãe. Quanto a nós, tudo nos impele um para o outro. Tenho fé no que está oculto no fundo do seu coração, Krogstad... com o senhor, nada temerei.

KROGSTAD *(tomando-lhe as mãos)* Obrigado, Kristina,

obrigado... agora trata-se de me reabilitar aos olhos do mundo, e eu o saberei fazer. Ah, mas esquecia...

SENHORA LINDE *(pondo o ouvido à escuta)* Pss! A tarantela! Retire-se depressa!

KROGSTAD Porquê?

SENHORA LINDE Ouve essa música lá em cima? Acabada a dança, é arriscado eles nos encontrarem aqui.

KROGSTAD Bem, já me retiro. Tanto mais que nada posso fazer; a senhora ignora, é claro, a minha tentativa contra os Helmer.

SENHORA LINDE Engana-se, Nils: estou a par de tudo.

KROGSTAD E tem coragem de...

SENHORA LINDE Sei bem aonde o desespero pode levar um homem como o senhor.

KROGSTAD Oh! se eu pudesse mudar o feito por não feito!

SENHORA LINDE Pode: a sua carta ainda está ali na caixa.

KROGSTAD Tem certeza?

SENHORA LINDE Certeza absoluta; mas...

KROGSTAD *(encarando-a, com olhar indagador)* Foi por isso, então...? Quer salvar a sua amiga a todo o custo. Seria melhor que me dissesse francamente. É isso?

SENHORA LINDE Quando já nos vendemos uma vez para salvar uma pessoa, não tornamos a fazê-lo.

KROGSTAD Vou pedir de volta a minha carta.

SENHORA LINDE Não, não!

KROGSTAD Por que não? Espero a chegada de Helmer, digo-lhe que quero reaver a minha carta... que ela só diz respeito ao meu emprego... que ele não precisa lê-la...

SENHORA LINDE Não, Nils; não a peça de volta.

KROGSTAD Mas não foi por isso que me chamou aqui?

SENHORA LINDE Foi, no primeiro momento de susto; mas já

decorreram vinte e quatro horas, e durante esse tempo vi acontecerem coisas inacreditáveis nesta casa. É preciso que Helmer saiba de tudo: deve-se esclarecer esse segredo lamentável. As coisas têm que ficar às claras entre eles, basta de viver em meio a dissimulações e subterfúgios.

KROGSTAD Bem, se a senhora tem essa coragem... há porém uma coisa que posso fazer e que é necessário fazer já.

SENHORA LINDE *(escutando)* Depressa! Saia! Acabou a dança: já não estamos mais seguros por nenhum momento.

KROGSTAD Espero-a lá embaixo.

SENHORA LINDE Sim, espere; poderá me acompanhar até a porta de casa.

KROGSTAD Nunca me senti tão feliz.

Dirige-se à porta de entrada. A porta entre a saleta e a sala a partir daí conserva-se aberta

SENHORA LINDE *(compõe um pouco a sala e prepara a capa e o chapéu)* Que reviravolta! Que reviravolta! Tenho alguém por quem trabalhar, por quem viver, um lar para torná-lo acolhedor. Ah, como me vou dedicar! Tomara que venham logo! *(Escutando)* Aí vêm. Rápido as minhas coisas.. *(Põe o chapéu e a capa)*

Ouve-se a voz de Helmer e de Nora, um ruído de chave que gira na fechadura, e Helmer faz entrar Nora, quase à força. Ela está vestida de italiana, e envolve-a um grande xale preto; ele, num dominó preto aberto, mostrando a roupa de gala que usa por baixo

NORA *(ainda na entrada, resistindo)* Não, não, não, não quero vir para casa; quero ir lá para cima, ainda é muito cedo.

HELMER Mas, querida Nora!

NORA Ah! peço-lhe, Torvald, suplico-lhe... só mais uma hora!

HELMER Nem mais um minuto, minha doce Nora. Sabe o que combinamos. Vamos, entre aqui ou você vai se resfriar.

Nora opõe-se. Helmer a traz gentilmente para dentro da sala

SENHORA LINDE Boa noite.

NORA Kristina!

HELMER É a senhora Linde? Aqui, a esta hora?!

SENHORA LINDE Desculpe-me; queria tanto ver Nora fantasiada!

NORA E você ficou todo esse tempo à minha espera?

SENHORA LINDE Fiquei; infelizmente cheguei muito tarde, você já tinha ido para cima, mas não quis me retirar sem vê-la.

HELMER *(tirando de Nora o xale)* Então veja-a bem. Creio que vale a pena. Está linda, não é verdade, minha senhora?

SENHORA LINDE Lindíssima.

HELMER Incrivelmente linda, heim? Era também esta a opinião de todos lá em cima. Mas que teimosia a desta criaturinha! Que se há de fazer?! Acredita que quase tive de empregar a força para ela sair do baile?

NORA Ah, Torvald! Você há de se arrepender de não me ter concedido sequer meia hora.

HELMER A senhora compreende. Ela dançou a sua tarantela, teve um êxito louco e bem merecido, se bem que talvez tenha se mostrado demasiado espontânea, quero dizer, um pouco mais do que o que é compatível com as exigências da arte. Mas, enfim, o principal é que alcançou êxito, um êxito colossal. Devia deixá-la ficar depois disso? Teria diminuído o efeito todo. Muito obrigado! Dou o braço à minha linda mulherzinha de Capri – da minha caprichosa mulherzinha de Capri, poderia dizê-lo; damos uma rápida volta pela sala;

cumprimentos para todos os lados, e então, como se diz nos romances... "a bela visão" esvaneceu-se. O efeito é sempre necessário em todos os finais, minha senhora; mas é isso que eu não consigo fazer Nora compreender. Ai, que calor faz aqui! *(Atira o dominó sobre uma cadeira e abre a porta do escritório)* O que é isso? Estamos às escuras? Ah, é verdade. Perdão. *(Entra no escritório e acende algumas velas)*

NORA *(muito baixo, precipitadamente)* Então?

SENHORA LINDE *(baixo)* Falei com ele!

NORA E...?

SENHORA LINDE Nora... é preciso dizer tudo ao seu marido.

NORA *(com voz desfalecida)* Eu bem sabia.

SENHORA LINDE Você nada tem a recear de Krogstad, mas precisa falar.

NORA Não falarei.

SENHORA LINDE Pois a carta falará por você.

NORA Obrigada. Kristina: agora sei o que me resta fazer. Pss!

HELMER *(entrando novamente)* Então, minha senhora, já a admirou à vontade?

SENHORA LINDE Já; e agora desejo-lhes boa noite.

HELMER Retira-se? É seu este tricô?

SENHORA LINDE *(pegando-o)* Muito obrigada; ia-me esquecendo.

HELMER A senhora tricota, então?

SENHORA LINDE Sim.

HELMER Pois seria bem melhor se bordasse.

SENHORA LINDE De fato? E por quê?

HELMER É muito mais bonito. Repare: pega-se no bordado com a mão esquerda, assim, e move-se a agulha com a mão direita, neste sentido... observe esta curva que se forma, longa e elegante; não concorda?

SENHORA LINDE É bem possível.

HELMER Ao passo que fazer tricô... não se pode evitar de ser feio. Veja: os braços colados ao corpo... as agulhas num movimento contínuo de cima para baixo e de baixo para cima... tem algo de chinês... Ah, que fino champanhe nos serviram!

SENHORA LINDE Boa noite, Nora, e não continue a ser teimosa.

HELMER Bem dito, senhora Linde.

SENHORA LINDE Boa noite, senhor diretor.

HELMER *(acompanhando-a até a porta)* Boa noite, boa noite. Desejaria acompanhá-la... mas é tão perto...

Depois da saída da senhora Linde, fecha a porta e volta para a cena

Muito bem; até que enfim ela se foi. É prodigiosamente tediosa, essa mulher.

NORA Você não está muito cansado, Torvald?

HELMER Não, nem um pouco.

NORA E também não tem sono?

HELMER Nenhum; pelo contrário, sinto-me até animadíssimo. E você? Tem um ar de estar cansada e com sono.

NORA É verdade; estou cansadíssima. Já vou me deitar.

HELMER Está vendo? Tinha razão em não a deixar ficar mais tempo.

NORA Você sempre tem razão no que faz.

HELMER *(beijando-a a testa)* Agora a minha cotovia está começando a falar como ser racional. Mas, você reparou na alegria do doutor Rank, esta noite?

NORA Ah é? Não cheguei a falar com ele.

HELMER Eu também mal estive com ele, mas há muito não o via de tão bom humor. *(Contempla-a um instante, depois aproxima-se)* Hum!... como é bom, afinal, estar na nossa

casa, e só contigo... Ah, que linda, que inebriante mulherzinha você é!

NORA Não olhe assim para mim, Torvald!

HELMER Então, não hei de contemplar o meu mais querido tesouro? Esse esplendor, que é meu, só meu, todo meu!

NORA *(fugindo para o outro lado da mesa)* Esta noite não quero que você me fale dessa forma.

HELMER *(seguindo-a)* A tarantela ainda está no seu sangue, pelo que vejo. E assim você ainda é mais sedutora. Está ouvindo? São os convidados que se retiram. *(Mais baixo)* Nora, daqui a pouco todo o prédio estará em silêncio.

NORA Assim espero.

HELMER Não é verdade, minha pequena Nora adorada? Ah, quando nos encontramos numa reunião, como a desta noite... sabe por que me conservo longe de você, contentando-me em envolvê-la num rápido olhar? Sabe por quê? Porque faço de conta que entre nós há uma paixão secreta, que estamos noivos sem que ninguém saiba disso.

NORA Sim, sim, bem sei que todos os seus pensamentos são para mim.

HELMER E ao nos retirarmos, quando pouso o xale nos seus delicados ombros juvenis, à volta da maravilhosa nuca, imagino que você é minha jovem noiva e que, terminada a festa do casamento, eu a conduzo pela primeira vez para casa, onde, enfim, vamos ficar a sós... vou ficar a sós com você, com sua jovem e palpitante graça. Durante toda a noite não desejei senão isso. Quando a vi na tarantela, atraente e leve... senti ferver-me o sangue, não pude mais dominar-me, e foi por isso que a arrastei para baixo tão logo...

NORA Agora vá, Torvald. Deixe-me. Não quero...

HELMER O que quer dizer isso? Então a minha pequena Nora resolveu brincar comigo. "Não quero". Sou seu marido, não sou?

Batem à porta de entrada

NORA *(estremecendo)* Você ouviu?

HELMER *(dirigindo-se para a saleta)* Quem é?

RANK Sou eu. Vocês me dão licença?

HELMER *(baixo, num tom aborrecido)* O que será que ele quer, agora? *(Alto)* Espere um pouco. *(Dirige-se para lá e abre a porta)* É uma grande amabilidade sua não passar pela nossa porta sem bater.

RANK Pareceu-me ouvir sua voz e pensei em entrar um instante. *(Num relancear de olhos pela sala)* Ei-lo, este lugar tão querido, tão familiar! Vocês são felizes, aqui é agradável e acolhedor.

HELMER Parecia-me que lá em cima também não se aborrecia.

RANK De fato, diverti-me muito. E por que não? Por que não se há de gozar tudo neste mundo? Ao menos quanto e pelo tempo que for possível. O vinho era delicioso!

HELMER E sobretudo a champanhe.

RANK Você também observou? É incrível o quanto eu bebi!

NORA Torvald também bebeu muita champanhe esta noite.

RANK Sério?

NORA É verdade, e quando isso acontece ele fica muito engraçado.

RANK Pudera! E por que a gente não haveria de passar uma boa noite depois de um dia bem empregado?

HELMER Bem empregado?! Infelizmente hoje não posso me vangloriar disso.

RANK *(batendo-lhe no ombro)* Mas eu posso!

NORA Doutor Rank, o senhor dever ter feito hoje alguma análise científica.

RANK Exato!

HELMER Oh! Oh! a minha pequena Nora falando de análises científicas!

NORA E podemos felicitá-lo pelo resultado?

RANK Indubitavelmente.

NORA Portanto, o resultado foi bom?

RANK O melhor possível, não só para o médico, como para o enfermo: a certeza.

NORA (vivamente, perscrutando-o com o olhar) A certeza?

RANK A certeza absoluta. Depois disso não tinha direito a uma noite bem passada?

NORA Fez bem, doutor Rank.

HELMER Também penso assim; contanto que não lhe saia caro amanhã.

RANK Não se recebe nada de graça nesta vida.

NORA Doutor Rank, o senhor deve apreciar muito os bailes de máscara.

RANK Sim; quando há muitas fantasias divertidas.

NORA Ora, diga-me: de que nos havemos de fantasiar, no próximo baile?

HELMER Louquinha! Já está pensando no próximo baile!

RANK Nós dois? Eu lhe digo: a senhora de mascote.

HELMER Ah, se encontrar o traje adequado.

RANK Basta apresentar-se como a vemos todos os dias.

HELMER Essa foi uma sugestão acertada. E você, já pensou no seu traje?

RANK Quanto a isso, meu caro amigo, não tenho mais nenhuma dúvida.

HELMER Vamos ver.

RANK No próximo baile de fantasias eu vou ser invisível.

HELMER Que brincadeira!

RANK Há um chapéu muito grande e negro... Ainda não ouviu falar de um chapéu que torna uma pessoa invisível? Basta colocá-lo na cabeça para ninguém nos ver.

HELMER *(reprimindo um sorriso)* Bem, bem, acredito.

RANK Mas estou me esquecendo do motivo que me trouxe aqui. Helmer, dê-me um charuto, um dos seus havanas escuros.

HELMER Com prazer. *(Apresenta-lhe a charuteira)*

RANK *(tirando um charuto e cortando-lhe a ponta)* Obrigado.

NORA *(acendendo* um *fósforo)* Consinta que eu lhe ofereça o fogo.

RANK Obrigado. *(Ela aproxima o fósforo; ele acende o charuto)* E agora, adeus.

HELMER Adeus, adeus, meu caro amigo.

NORA Durma bem, doutor Rank.

RANK Agradeço-lhe.

NORA Deseje-me a mesma coisa.

RANK A senhora? Está bem; se assim o quer... Durma bem. E obrigado pelo fogo. *(Cumprimenta-os com um gesto de cabeça e sai)*

HELMER *(a meia voz)* Bebeu demais.

NORA *(distraída)* Pode ser.

HELMER *(tira do bolso um molho de chaves e dirige-se para a saleta)*

NORA Torvald, o que você vai fazer?

HELMER Vou esvaziar a caixa do correio; está transbordando; amanhã os jornais não cabem lá.

NORA Você vai trabalhar esta noite?

HELMER É claro que não... O que é isso? Mexeram na fechadura.

NORA Na fechadura?

HELMER Com toda a certeza. O que significa isso? Não creio que as criadas... Uma fivela de cabelo quebrada. Nora, é uma fivela sua.

NORA *(rápido)* Talvez tenham sido as crianças...

HELMER Realmente, estão precisando de uma advertência. Hum, enfim consegui abri-la! *(Tira o conteúdo da caixa e chama)* Helena! Helena! Apague a luz do vestíbulo. *(Entra novamente na sala e fecha a porta da saleta)*

HELMER *(segurando as cartas)* Olha, que quantidade! *(Folheia-as)* Que será isto?

NORA *(virando-se à janela)* A carta! Não, não, Torvald!

HELMER Dois cartões de visita: de Rank.

NORA Do doutor Rank?

HELMER *(examinando-os)* Rank, doutor em medicina. Estavam sobre as cartas. Pôs na caixa quando saiu.

NORA Têm alguma coisa escrita?

HELMER Só uma cruz negra encimando o nome. Ora, veja! Que idéia de mau gosto! É como se estivesse participando a própria morte.

NORA É, na realidade é o que está fazendo.

HELMER Quê? Acaso sabe... Ele lhe disse alguma coisa?...

NORA Sim. Esses bilhetes significam uma despedida. Quer se afastar para morrer.

HELMER Pobre amigo! Eu sabia que tinha os seus dias contados. Mas assim tão cedo... E vai se esconder como um animal ferido!

NORA Se não tem remédio, de que servem consolações? Não é verdade, Torvald?

HELMER *(andando de um lado para o outro da sala)* Era como se fosse da família. Não posso me imaginar sem ele. Com os seus padecimentos, e com sua solidão, como que constituía um fundo de sombra contra o brilho da nossa felicidade... Enfim, talvez seja melhor assim. Pelo menos para ele. *(Detendo-se)* E quem sabe se também para nós, Nora. Agora nos dedicaremos exclusivamente um ao outro. *(Aperta-a nos braços)* Ah! minha querida, sinto como se só assim eu pudesse mantê-la suficientemente resguardada. Sabe, Nora... às vezes eu gostaria de vê-la ameaçada de um perigo, para poder expor a vida, dar o meu sangue, arriscar tudo, tudo para protegê-la.

NORA *(soltando-se de seus braços com voz firme e resoluta)* Agora leia as suas cartas, Torvald.

HELMER Não, esta noite, não... Quero ficar com a minha mulherzinha querida...

NORA Pensando na morte de seu amigo?

HELMER Você tem razão, isso nos comoveu. Interpôs-se entre nós um espectro sombrio: a idéia da morte e da dissolução. Tentemos libertar-nos dele. Até lá... que cada um vá para o seu quarto.

NORA *(lançando-se ao seu pescoço)* Boa noite, Torvald... boa noite!

HELMER *(beijando-a na testa)* Boa noite, minha avezinha canora. Durma bem, Nora. Eu vou ler a correspondência. *(Dirige-se para o escritório, levando as cartas, e fecha a porta)*

NORA *(tateando em torno de si, com olhar desvairado, pega o dominó de Helmer e nele se envolve, dizendo em sussurros rápidos, entrecortados e roucos)* Nunca mais o ver! Nunca mais... nunca.. nunca!... *(Põe o xale na cabeça)* E os meus filhos: nunca mais vê-los, também a eles! Nunca, nunca... Oh! a água gelada, negra!... e tão profunda!... Ah! se tudo já houvesse terminado ao menos! Está abrindo-a... lê... Não, ainda não. Adeus, Torvald, adeus, filhinhos!

Quer correr para a porta de entrada. No mesmo instante abre-se com violência a do escritório e Helmer surge com uma carta aberta na mão

HELMER Nora!

NORA *(soltando um grito agudo)* Ah!

HELMER O que é isto?... Você sabe o que esta carta contém?

NORA Sei, sei... Deixe-me ir embora! Deixe-me sair!

HELMER *(retendo-a)* Aonde você vai?

NORA *(tentando soltar-se)* Você não poderá me salvar, Torvald!

HELMER *(recuando)* Então é verdade?! Esta carta diz a verdade?! Que horror! Não, não, é impossível, não pode ser!

NORA É verdade. O meu amor foi superior a tudo!

HELMER Ora, não me venha com essas desculpas esfarrapadas!

NORA *(dando um passo para ele)* Torvald!

HELMER Infeliz! O que você ousou fazer?

NORA Deixe-me ir embora. Você não terá de suportar o peso da minha falta, não será responsável...

HELMER Basta de melodrama! *(Fecha a porta da saleta)* Fique aqui e se explique. Você se dá conta do que fez? Responda! Você percebe?

NORA *(fixa-o com uma expressão enrijecida)* Sim, agora começo a compreender a realidade.

HELMER *(caminhando, agitado, pela sala)* Ah, que terrível despertar! Oito anos!... Durante oito anos você foi a minha alegria e o meu orgulho... e agora vejo que é uma hipócrita, uma impostora... pior ainda, uma criminosa! Que abismo de torpezas! Ah, que horror!

NORA *(muda, continua a olhá-lo fixamente)*

HELMER *(parando em frente a ela)* Eu devia ter sabido que uma coisa dessas iria acontecer. Devia tê-lo previsto. Com os princípios levianos de seu pai... princípios que você herdou! Ausência de religião, ausência de moral, absoluta ausência do senso de dever... Ah, como estou sendo castigado por encobrir o procedimento dele... Foi por você que o fiz, e é essa a minha recompensa.

NORA Pois é.

HELMER Agora você destruiu a minha felicidade, aniquilou o meu futuro. Não posso pensar nisso sem estremecer. Eis-me nas mãos de um homem sem escrúpulos: pode fazer de mim o que quiser, mandar, ordenar à sua vontade, que eu não me atreverei a balbuciar uma palavra sequer. E assim me vejo reduzido a nada, rebaixado pela inconseqüência de uma mulher.

NORA Quando eu deixar este mundo você ficará livre.

HELMER Ah, nada de grandes frases! Seu pai também tinha uma grande provisão delas. De que me serviria isso? Sim, de que me serviria a sua partida deste mundo, como diz? De nada. Ele poderia divulgar o caso da mesma forma, e sendo assim, talvez chegasse a julgar-me cúmplice da sua ação criminosa. Até poderiam crer que fui eu o instigador, que eu é que a levei a isso. E tudo isso eu devo a você – a quem, no entanto, só ofereci carinho, durante toda a nossa vida em comum. *Agora* você compreende o que fez comigo?

NORA *(serena e fria)* Compreendo.

HELMER Isso é tão inacreditável que ainda não consigo entender direito. No entanto, é preciso tentar corrigir. Tire esse xale, tire-o, já disse. Tenho de contentá-lo de alguma forma. O principal é abafar o caso, de qualquer forma. E, no que diz respeito à nossa vida íntima, tem que parecer como se

nada tivesse mudado entre nós. Só aos olhos do mundo, é claro. Você continuará aqui na minha casa – não preciso dizê-lo – mas eu não lhe permitirei educar as crianças... não me aventuro a confiá-las a você. Ah, ter de falar assim àquela que tanto amei e que ainda... Mas isso acabou. De agora em diante não se trata de salvar a felicidade, mas o que sobrou dela... destroços... aparências...

Tocam à porta de entrada

(Estremecendo) O que será? A esta hora! Será que o pior... Já?... Esconda-se, Nora. Diga que está doente.

NORA *(não se move)*

HELMER *(vai abrir a porta)*

A CRIADA *(de camisola, na saleta)* Uma carta para a senhora.

HELMER Dê-me. *(Agarra a carta e fecha a porta)* Logo vi que era dele. Vou lê-la eu mesmo.

NORA Leia.

HELMER *(à luz da lamparina)* Falta-me coragem. Ela pode significar a nossa ruína... Não; preciso certificar-me. *(Abre rapidamente a carta, percorre algumas linhas, examina o papel anexo e solta um grito de alegria)* Nora!

NORA *(interroga-o com o olhar)*

HELMER Nora!... Espere, deixe-me ler outra vez! É isso... Estou salvo, Nora! Estou salvo!

NORA E eu?

HELMER Você também, é claro. Ambos estamos salvos. Olhe. Ele lhe devolveu a nota promissória. Diz que lastima, que se arrepende... que um feliz acontecimento lhe transformou a existência... Ah! pouco me importa o que ele diz. Estamos salvos, Nora! Já ninguém nos pode prejudicar. Ah! Nora, Nora... mas primeiro destruam-se essas coisas repugnantes.

Deixe-me ver... *(Lança um rapido olhar à nota promissória)* Não, nada quero ver; foi um mau sonho que tive; acabou-se. *(Rasga as duas cartas e a nota promissória, lança tudo na estufa e contempla os papéis a arderem)* Pronto! tudo desapareceu. Ele dizia na carta que desde a véspera do Natal, você... Ah, três dias! O que você deve ter passado, Nora!

NORA Durante esses três dias eu vivi um conflito terrível.

HELMER E chegou a se desesperar; não via outra solução a não ser a... Não, não, não vamos recordar essas coisas odiosas. Agora podemos gritar de alegria e repitamos: acabou-se, acabou-se! Mas escute, Nora, parece, que você não compreende: acabou-se! O que significa essa rigidez? Ah, minha pobre Nora, compreendo... Você pensa que eu não lhe perdoei tudo. Bem sei que o que você fez foi por amor a mim.

NORA É verdade.

HELMER Você me amou como uma mulher deve amar o marido. Somente os meios você não conseguiu julgar direito. Mas pensa que o fato de você não saber agir por conta própria me faz querê-la menos? Não, não, confie em mim: eu a orientarei, serei seu guia. Deixaria de ser homem se essa sua falta de capacidade feminina não a tornasse duplamente sedutora aos meus olhos. Esqueça as palavras rudes que pronunciei nos primeiros momentos de temor, quando acreditei que tudo ia desmoronar sobre mim. Eu a perdoei, Nora; juro que a perdoei.

NORA Obrigada pelo perdão. *(Sai pela porta da direita)*

HELMER Não vá embora... *(Segue-a com a vista)* Por que você está indo para o quarto?

NORA *(do quarto)* Para tirar a fantasia.

HELMER *(junto da porta, que ficou aberta)* Bem, tire-a, tente se acalmar, refazer-se dessa inquietação, minha avezinha amedrontada. Descanse tranqüila, tenho amplas asas para protegê-la. *(Andando de* um *lado para o outro, sem se afastar da porta)* Ah, como o nosso lar é tranqüilo e encantador, Nora! Aqui você está segura! Eu a guardarei como a uma pomba que foi acolhida depois de ser retirada sã e salva das garras do abutre. Saberei aquietar o seu pobre coração palpitante. Conseguirei isso pouco a pouco, acredite, Nora. Amanhã você verá as coisas sob outro aspecto. Tudo voltará a ser como antes. Não precisarei dizer-lhe continuamente que a perdoei. Você sentirá isso em seu coração. Como pode supor que seria capaz de rejeitá-la, ou mesmo de a censurar? Ah, você não sabe o que é um verdadeiro coração de homem, Nora. Para o homem é algo indescritivelmente doce e prazeroso saber que no íntimo perdoou a mulher - perdoou-a completamente, de todo o coração. É como se ele tivesse criado o seu duplo; como se a tivesse dado à luz. Em certo sentido ela se torna igualmente mulher e filha. Assim a considerarei no futuro, pobre criaturinha assustada e desamparada. Não se inquiete, Nora; seja apenas franca comigo e eu serei a sua vontade e a sua consciência. - O que significa isso? Você não se deitou? Tornou a se vestir?

NORA *(que acaba de envergar seu traje habitual)* É verdade, Torvald, tornei a me vestir.

HELMER A esta hora... para quê?

NORA Esta noite não pretendo dormir.

HELMER Mas, minha querida Nora...

NORA *(consultando o relógio)* Ainda não é muito tarde. Sente-se, Torvald. Temos muito que dizer. *(Ela senta-se no outro lado da mesa)*

HELMER Nora, o que é isso? Essa expressão rígida em seu rosto..?.

NORA Sente-se, vai ser demorado. Tenho muito a dizer...

HELMER *(sentando-se em frente a ela)* Você está me inquietando, Nora... Não a compreendo.

NORA Sim, é isso mesmo: você não me compreende. Também eu... nunca o compreendi... até hoje à noite...; não me interrompa. Ouça o que lhe digo. Precisamos acertar as contas, Torvald.

HELMER O que você quer dizer com isso?

NORA *(após um instante de silêncio)* Não chama a sua atenção o fato inusitado de estarmos sentados aqui face a face?

HELMER O quê?

NORA Há oito anos que somos casados. Reflita um momento: não é esta a primeira vez que nós dois, tal como somos, marido e mulher, conversamos a sério um com o outro?

HELMER A sério... o que você quer dizer com isso?

NORA Oito anos se passaram... até mais, se contarmos desde o nosso primeiro encontro... sem que nunca trocássemos uma palavra séria sobre um assunto sério.

HELMER Você acha que eu deveria envolvê-la sempre nas minhas preocupações em relação às quais você nada poderia fazer?

NORA Não me refiro a preocupações. Quero dizer que nunca nos sentamos para tentar sermos sérios e nos aprofundar sobre o que quer que fosse.

HELMER Mas, minha querida Nora; o que isso lhe traria de bom?

NORA É esse o ponto. Você nunca me compreendeu. Tenho sido tratada muito injustamente, Torvald; primeiro por papai, e depois por você.

HELMER O quê? Por nós dois? Mas quem é que a amou tanto como nós?

NORA *(meneando a cabeça)* Vocês jamais me amaram, apenas lhes era divertido se encantar comigo.

HELMER Nora, o que você está dizendo?

NORA É assim mesmo, Torvald; quando eu estava em casa, papai me expunha as suas idéias, e eu as partilhava. Se acaso pensava diferente, não o dizia, pois ele não teria gostado disso. Chamava-me sua bonequinha e brincava comigo, como eu com as minhas bonecas. Depois vim morar na sua casa.

HELMER Você emprega umas expressões singulares para falar do nosso casamento.

NORA *(imperturbável)* Quero dizer que das mãos de papai passei para as suas. Você arranjou tudo ao seu gosto, gosto que eu partilhava, ou fingia partilhar, não sei ao certo; talvez ambas as coisas, ora uma, ora outra. Olhando para trás, agora, parece-me que vivi aqui como vive a gente pobre, que mal consegue ganhar o seu sustento. Vivi das gracinhas que fazia para você, Torvald; mas era o que lhe convinha. Você e papai cometeram um grande crime contra mim. Se eu de nada sirvo, a culpa é de vocês.

HELMER Como você é injusta, Nora, e ingrata! Não foi feliz aqui?

NORA Nunca. Julguei que sim, mas nunca fui.

HELMER Não foi... nunca foi feliz?!

NORA Nunca; era alegre, nada mais. Você era tão amável comigo! Mas a nossa casa nunca passou de um quarto de brinquedos. Fui sua boneca-esposa, como fora boneca-filha na casa de meu pai. E os nossos filhos, por sua vez, têm sido as minhas bonecas. Eu achava engraçado quando você me levantava e brincava comigo, como eles acham

engraçado que eu os levante e brinque com eles. Eis o que foi o nosso casamento, Torvald.

HELMER Descontando o exagero, há alguma verdade no que você diz. Mas para o futuro tudo mudará. O tempo de recreio passou, agora chegou o da educação.

NORA A educação de quem, a minha ou a das crianças?

HELMER Uma e outra, querida Nora.

NORA Ah, Torvald, não, você não é o homem indicado para me ensinar a ser uma verdadeira esposa.

HELMER E é você quem diz isso?

NORA E eu... de que maneira estaria preparada para educar meus filhos?

HELMER Nora!

NORA Não é o que você dizia ainda há pouco... que essa tarefa você não ousaria me confiar?

HELMER Disse num momento de irritação. Você não deve dar atenção a isso.

NORA Ah, mas você estava absolutamente certo. É uma tarefa superior às minhas forças. Primeiro quero cumprir uma outra. Devo tentar educar a mim mesma. E você não é o homem indicado para me ajudar nessa tarefa. É algo que eu devo empreender sozinha. E para isso eu vou deixá-lo.

HELMER *(erguendo-se de um pulo)* O que você está dizendo?

NORA Preciso estar só, para avaliar a mim mesma e a tudo quanto me rodeia. Por isso não posso continuar a viver com você.

HELMER Nora! Nora!

NORA Quero me retirar [illegible] sta noite ficarei na casa de Kristina.

HELMER Você está delirando. [illegible] osso deixar. Eu lhe proibo.

NORA De agora em diante voc[illegible] ião pode me proibir nada.

Levo tudo que me pertence. De você nada quero, nem agora, nem nunca.

HELMER Mas que loucura é essa?

NORA Amanhã parto para casa... Quero dizer, para o lugar onde nasci... Lá encontrarei mais facilmente algum trabalho.

HELMER Oh, criatura cega e inexperiente!

NORA Tenho que fazer o possível para adquirir experiência, Torvald.

HELMER Abandonar o seu lar, seu marido, seus filhos! Você não pensa no que dirão as pessoas?

NORA Não posso pensar nisso. Sei unicamente que para mim isso é indispensável.

HELMER Ah! É revoltante! Você seria capaz de negar a tal ponto seus deveres mais sagrados?

NORA E quais são meus deveres mais sagrados, no seu parecer?

HELMER E sou eu quem precisa dizer isso? Não serão os que você tem para com seu marido e seus filhos?

NORA Tenho outros tão sagrados como esses.

HELMER Não tem. Quais poderiam ser?

NORA Meus deveres para comigo mesma.

HELMER Antes de mais nada, você é esposa e mãe.

NORA Já não creio nisso. Creio que antes de mais nada sou um ser humano, tanto quanto você... ou pelo menos, devo tentar vir a sê-lo. Sei que a maioria lhe dará razão, Torvald, e que essas idéias também estão impressas nos livros. Eu porém já não posso pensar pelo que diz a maioria nem pelo que se imprime nos livros. Preciso refletir sobre as coisas por mim mesma e tentar compreendê-las.

HELMER É seu dever compreender em primeiro lugar o papel que você tem nesta casa. Você não tem um guia infalível nestas questões? Sua religião?

NORA Ah, Torvald! A religião, nem sei bem ao certo o que ela é.

HELMER O que você está dizendo?

NORA Dela só conheço o que me ensinou o pastor Hansen ao preparar-me para a crisma. A religião *é isso, é aquilo*... Quando eu deixar tudo isso aqui e me encontrar só, quero pensar também sobre esse assunto. Saberei se o pastor Hansen dizia a verdade, ou, pelo menos, se o que disse é verdadeiro para mim.

HELMER Ah, isso é inaudito, uma jovem mulher como você! Mas se a religião não pode conduzi-la ao bom caminho, deixe-me sacudir a sua consciência. Você deve ter *algum* senso moral. Ou estou errado? Talvez você também não o tenha.

NORA Talvez fosse melhor nem responder, Torvald. Nem saberia fazê-lo. Essas coisas estão confusas na minha cabeça. Só uma coisa sei: é que minhas idéias divergem inteiramente das suas. Também fiquei sabendo que as leis não são o que eu julgava que fossem, mas que essas leis são justas, é algo de que ninguém me poderá convencer. Então uma mulher não teria o direito de evitar um desgosto a seu velho pai moribundo ou de salvar a vida do marido! Eu não acredito nisso.

HELMER Parece uma criança falando. Você não entende nada da sociedade de que faz parte.

NORA Não, nada entendo. Mas quero chegar a entender e certificar-me de qual de nós tem razão: se a sociedade ou se eu.

HELMER Você está doente, Nora, tem febre: quase me convenço de que perdeu o juízo.

NORA Sinto-me esta noite mais lúcida e mais segura de mim do que nunca.

HELMER E é com essa firmeza e em perfeita lucidez que você abandona seu marido e seus filhos?

NORA Sim.

HELMER Isso só tem uma explicação possível.

NORA Qual?

HELMER Você já não me ama.

NORA Sim. É isso mesmo.

HELMER Nora!... Como você pode dizer isso?

NORA Custa-me muito, Torvald, porque você sempre foi muito bom para mim. Mas nada posso contra isso: já não o amo mais.

HELMER *(esforçando-se para manter-se calmo)* Disso também você está clara e seguramente convencida?

NORA Sim, é absolutamente claro e certo. E é por essa razão que não quero permanecer mais tempo aqui.

HELMER E você pode me explicar como perdi o seu amor?

NORA Sem dúvida! Foi esta noite, quando não vi realizar-se o milagre esperado. Então vi que você não era o homem que eu imaginava que fosse.

HELMER Explique-se; eu não a entendo.

NORA Durante oito anos esperei tão pacientemente! Pois eu bem sabia que milagres não acontecem todos os dias. E então me invadiu essa coisa angustiante, e eu tinha toda a certeza do mundo de que chegara a hora do milagre. Enquanto a carta de Krogstad estava na caixa, nem por um instante pensei que você poderia se curvar às arbitrariedades desse homem. Acreditava firmemente que você lhe diria: Vamos, publique tudo... E quando isso acontecesse...

HELMER Bem, o que você queria? Que eu a tivesse lançado na vergonha e na desonra...

NORA ... quando isso acontecesse eu estava plenamente

convencida de que você iria chamar a si a responsabilidade de tudo e diria: sou eu o culpado.

HELMER Nora!

NORA Você acha que eu teria aceitado tal sacrifício? É claro que não. Mas de que valeriam as minhas afirmações contra as suas? Pois bem! Esse era o milagre que eu esperava, cheia de temor. E para evitar isso é que eu queria terminar com a minha vida.

HELMER Nora, por você eu trabalharia alegremente dia e noite. Suportaria tudo, preocupações e provações; mas não há ninguém que sacrifique a sua honra pelo ente que ama.

NORA Milhares de mulheres têm feito isso.

HELMER Ah, você pensa e fala como uma criança insensata.

NORA Talvez. Você, porém, não pensa e nem fala como o homem a quem eu possa me unir como companheira. Uma vez tranqüilizado, não sobre o que poderia acontecer comigo, mas sobre o risco que *você* corria – e quando não havia mais perigo, pelo menos no que se referia a você, você fez como se nada tivesse acontecido. Eu tornei a ser uma avezinha canora, a sua boneca, que você passaria a proteger com muito mais cuidado, pois percebeu quanto era delicada e frágil! *(Erguendo-se)* Ouça, Torvald: nesse momento tornou-se evidente para mim que vivi oito anos nesta casa com um estranho, a quem dei três filhos... Ah, nem vou continuar falando para não ter que lembrar disso. Tenho vontade de partir-me em mil pedaços.

HELMER *(triste)* Sim. Estou percebendo. Abriu-se entre nós um abismo – mas Nora, não seria possível transpô-lo?

NORA Tal como sou agora, não posso ser sua mulher.

HELMER Eu poderia mudar.

NORA Talvez... se a sua boneca for afastada de você.

HELMER Mas, separar-me... separar-me de você! Não, Nora! Não posso aceitar essa idéia!

NORA *(dirigindo-se para a porta da direita)* E é exatamente por isso que eu tenho de ir embora. *(Sai e torna a entrar com o sobretudo, o chapéu e uma maleta de viagem que coloca sobre uma cadeirinha ao pé da mesa)*

HELMER Ainda não, Nora, ainda não! Espere até amanhã.

NORA *(pondo o sobretudo)* Não posso passar a noite sob o teto de um estranho.

HELMER Mas não podemos viver juntos como irmão e irmã?

NORA *(prende com gestos firmes o chapéu)* Você bem sabe que isso duraria pouco. *(Atira o xale sobre os ombros)* Adeus, Torvald. Não quero ver as crianças. Sei que estão em melhores mãos que as minhas. Assim como sou, por enquanto... não posso ser uma mãe para elas.

HELMER Mas algum dia, Nora... algum dia?

NORA Como posso responder-lhe? Não sei nem o que será de mim.

HELMER Mas você é minha mulher; como é agora e como o que quer que venha a ser.

NORA Ouça, Torvald. Quando uma mulher deixa a casa de seu marido, como eu estou fazendo agora, as leis – segundo ouço dizer – absolvem o marido de qualquer obrigação para com ela. De qualquer modo, eu o deixo livre de agora em diante. Inteira liberdade de parte a parte. Olha, aqui está o seu anel: devolva-me o meu.

HELMER Até o anel?

NORA Até.

HELMER Tome.

NORA Obrigada. Agora tudo acabou. Deixo aqui as chaves. Quanto à direção da casa, as criadas estão a par de tudo...

melhor que eu. Amanhã Kristina virá embalar tudo quanto eu trouxe quando vim para cá. Desejo que me remetam essa mala.

HELMER Está tudo acabado! Você nunca mais vai pensar em mim, Nora?

NORA Vou pensar muitas vezes em você, é claro, e nos meus filhos, e na casa.

HELMER Posso lhe escrever, Nora?

NORA Não! Nunca. Proibo-o de fazer isso.

HELMER Ah, mas decerto posso lhe enviar algo.

NORA Nada, nada.

HELMER Ajudá-la, se você precisar.

NORA Não, já lhe disse. Não aceito nada de estranhos.

HELMER Nora... nunca passarei de um estranho para você?

NORA *(segurando a maleta)* Ah! Torvald, para isso seria preciso o maior dos milagres.

HELMER E qual seria o maior dos milagres?

NORA Seria preciso transformarmo-nos os dois a tal ponto... Ah, Torvald! Já não mais acredito em milagres.

HELMER Eu, porém, quero crer neles. Diga. Deveríamos nos transformar a tal ponto que...

NORA ... que a nossa união se transformasse num verdadeiro casamento. Adeus. *(Sai pela porta da saleta)*

HELMER *(caindo numa cadeira junto à porta e cobrindo o rosto com as mãos)* Nora! Nora! *(Ergue a cabeça e olha em torno de si)* Está vazia, ela não está mais aqui! *(Com um vislumbre de esperança)* "O maior dos milagres!"

Ouve-se, vindo de baixo, o bater do portão.